

PUCRS

ESCOLA POLITÉCNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

LETÍCIA KLIMICK DE FREITAS

**(E)LABOR(ATOR)IOGRAFIAS: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES PROFESSORAS DE
CIÊNCIAS**

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LETÍCIA KLIMICK DE FREITAS

**(E)LABOR(ATOR)IOGRAFIAS: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES
PROFESSORAS DE CIÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Professor Dr. José Luís Schifino Ferraro

Porto Alegre
2023

Ficha Catalográfica

F866e Freitas, Leticia Klimick de

(E)labor(ator)iografias : Histórias de vida de mulheres professoras de ciências / Leticia Klimick de Freitas. – 2023.

69 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. José Luís Schifino Ferraro.

1. Histórias de vida. 2. Professoras de ciências. 3. Laboratório.
4. Educação básica. I. Ferraro, José Luís Schifino. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

[...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova.

Gilles Deleuze

Agradecimentos

Projeto meus agradecimentos a meu orientador, José Luís que me acolheu e compartilhou seus ensinamentos de forma a proporcionar um período de grande aprendizagem e disponibilidade para organização e escrita da pesquisa.

Aos meus pais e irmã que me incentivaram, se fizeram presentes e capazes de compreender os momentos que atravessaram esse período de dedicação à escrita.

Ao meu companheiro Rhuan que acompanhou cada momento e desafio com a disponibilidade de ajudar sempre que necessário, tornando a caminhada mais leve.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática por partilharem e auxiliarem em nosso processo formativo e se demonstrando disponíveis para as eventualidades decorrentes dessa etapa.

As professoras que se dispuseram a participar dessa investigação, por meio de suas memórias contadas acerca de suas histórias de vida que agregam no que tange ao enriquecimento de suas práticas desenvolvidas em suas trajetórias pessoais e profissionais.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da PUCRS através do Programa Institucional de Bolsas PRO-Stricto”. (This study was supported by the PRO-Stricto Scholarship Program – PUCRS)”.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” (“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”).

Resumo

As (E)labor(ator)iografias foram pensadas em um cenário que permita se inferir algumas possibilidades por meio da partilha de histórias de vida de professoras de ciências pertencentes à educação básica. A partir das (re)vivências das (e com) as docentes, foram identificados elementos e características que foram por elas indicados como eventos que colaboraram para os seus desenvolvimentos como sujeitas da docência, estando envolvidos seja no âmbito pessoal e/ou profissional, uma vez que, a finalidade foi a da percepção dos acontecimentos narrados como eventos entrelaçados no curso da experiência de contar sobre si – contar-se a si mesmo. Para tanto, se buscou jogar luzes por meio das histórias em direção a (nem tão) diferentes formas de vida em seus agenciamentos a formações, considerando os espaços e suas maneiras de contar-se ao grafar suas trajetórias e suas relações balizadas por suas percepções atravessadas por uma multiplicidade de forças, saberes e poderes, que atuaram em suas narrativas e as possibilitaram realizar suas escolhas que puderam ser, de alguma forma, trazidas para essa pesquisa. Dessa forma, as tramas metodológicas foram constituídas com subsídios que forneceram meios para que as professoras pudessem contar suas histórias, a partir de uma entrevista onde prevalecesse sua fala sem a interferência da pesquisadora para minimizar acometer qualquer construção advinda de cada uma. Contudo, foi disposto um instrumento desencadeador de narrativa para ser utilizado em casos de ausência de fala. Participaram da investigação quatro professoras, sendo todas atuantes em laboratórios de ciências. A pesquisa apresentou uma abordagem qualitativa tratando de acordo a exposição de suas vidas por meio dos discursos a finalidade de estabelecer inferências, a partir dos elementos retratados por cada uma das participantes, buscando conectar pontos que as mesmas mencionassem, tais como: a “dimensão familiar”, onde cada uma trouxe suas conexões e relações pertinentes a essa instância; a “dimensão interpessoal”, expondo o papel desempenhado pelas pessoas que podem ou não ter contribuído em suas (trans)formações; a “dimensão acadêmica”, podendo ser percebidas as forças que se fizeram presentes em suas escolhas profissionais e a “dimensão do ser e fazer pedagógico”, compartilhando como foram se (re)inventando, planejando e refletindo em suas aulas. Ademais, ocorreram fundamentos que são subjetivos a cada uma, a tratar de: “uma trajetória que se fez outro caminho”, dessa emergência se vislumbrou um acontecimento que desfez uma situação em busca de trazer um novo caminho, em “a simbologia feminina como exemplo”, trouxe aspectos reflexivos sobre os impactos e

potencialidades de uma mulher que faz parte da família da docente, com “a conexão com a escola”, foi possível explorar como essa instituição se tornou importante e reflete sentimentos de afeto e contribuiu na formação da professora e em, “a galeria dos cientistas negros”, se pode averiguar as marcas ainda enraizadas de uma sociedade que inferioriza a questão de raça e cor no percurso da docência. Com essas demandas retratadas e analisadas, pode se depreender as possibilidades e formas com as quais essas docentes se percebem. O subsídio de lembrar e (res)significar a compreensão relacionada às ações que as conduziram à sua escolha profissional – ser professora de ciências que atua em um laboratório e trabalha na educação básica – permitiu com que em se tomando a questão laboral como chave de leitura de si, estas mulheres pudessem produzir uma reflexão acerca de suas potencialidades e do espaço que ocupam permitindo captar a maneira como grafam suas histórias de vida.

Palavras-chave: História de vida. Professoras de ciências. Laboratório. Educação básica.

Abstract

The “(E)labor(ator)iografias” were designed in a scenario that allows some possibilities to be inferred through the sharing of life stories of science teachers belonging to basic education. From the (re)experiences of (and with) the teachers, elements and characteristics were identified that were indicated by them as events that contributed to their development as subjects of teaching, being involved either in the personal and/or professional sphere, since, the purpose was to perceive the narrated events as events intertwined in the experience course of telling about oneself – telling oneself. To this end, we sought to shed light through the stories towards (not so) different forms of life in their arrangements and formations, considering the spaces and their ways of telling themselves when graphing their trajectories and their relationships marked by their crossed perceptions by a multiplicity of forces, knowledge and powers, which acted on their narratives and enabled them to make their choices that could be, in some way, brought to this research. In this way, the methodological plots were created with subsidies that provided means for the teachers to tell their stories, based on an interview where their speech prevailed without the researcher's interference to minimize affecting any construction arising from each one. However, a narrative triggering instrument was provided to be used in cases of absence of speech. Four teachers participated in the investigation, all of whom worked in science laboratories. The research presented a qualitative approach, dealing with the exposure of their lives through speeches with the purpose of establishing inferences, based on the elements portrayed by each of the participants, seeking to connect points that they mentioned, such as: the “family dimension”, where each one brought their connections and relationships relevant to that instance; the “interpersonal dimension”, exposing the role played by people who may or may not have contributed to their (trans)formations; the “academic dimension”, being able to perceive the forces that were present in their professional choices and the “dimension of being and doing pedagogically”, sharing how they were (re)inventing themselves, planning and reflecting in their classes. Furthermore, there were fundamentals that are subjective to each one, dealing with: “a trajectory that took another path”, from this emergence an event was glimpsed that undid a situation in search of bringing a new path, in “feminine symbolism as an example”, brought reflective aspects about the impacts and potential of a woman who is part of the teacher’s family, with “the connection with the school”, it was possible to explore how this institution became

important and reflects feelings of affection and contributed to the teacher's training and in "the gallery of black scientists", one can discover the still-rooted marks of a society that inferiorizes the issue of race and color in the teaching profession. With these demands portrayed and analyzed, it is possible to understand the possibilities and ways in which these teachers perceive themselves. The benefit of remembering and (re)signifying the understanding related to the actions that led them to their professional choice – being a science teacher who works in a laboratory and works in basic education – allowed them to take the labor issue as a reading key of themselves, these women could reflect on their potential and the space they occupy, allowing them to capture the way they write their life stories.

Keywords: Life story. Science teachers. Laboratory. Basic education.

Sumário

1. Prólogo	9
2. Biografia	10
3. Introdução	11
4. Fundamentação teórica/Referencial teórico	15
5. Tramas metodológicas	24
5.1. Abordagem do trabalho	24
5.2. Tipo de pesquisa	26
5.3. Participantes da pesquisa	26
5.4. Instrumentos de coleta de informações	27
5.5. Perspectiva analítica	28
6. Entre costuras: análise e percepções das entrevistas – Parte I	29
6.1. Dimensão familiar	30
6.2. Dimensão interpessoal	33
6.3. Dimensão acadêmica e profissional	38
6.4. Dimensão do ser e fazer pedagógico	45
7. Caminhos que não se cruzam – Parte II	49
7.1. Uma trajetória que se fez um novo caminho	50
7.2. A simbologia feminina como exemplo.....	51
7.3. A conexão com a escola	52
7.4. A galeria dos cientistas negros	52
8. Uma (e)labor(ator)iografia (in)comum	54
Considerações finais	58
Referências	61
Apêndices	65

1. Prólogo

(E)labor(ator)iografias: consistem em um tipo de escrita. Uma grafia que é formada por várias palavras faz transbordar a ideia de que toda “[...] a invenção é um processo de transformação temporal [sendo que] é nesta dimensão que ocorre a produção da diferença” (CORAZZA; NODARI; BIATO, 2019, p. 364). Com isso, vemos discorrer em significantes os sentidos que vão sendo atribuídos à proposição agenciada por: ela, labor, laboratório, ator, grafia. Portanto, aquele foi sendo construído para fazer referência ao objeto deste trabalho: mulheres-professoras que, portanto, cotidianamente grafam a história da sua docência atuando de diversas formas. Dessa maneira, ao negociarem costumeiramente suas existências, são um produto-devir de um processo de subjetivação docente e seus múltiplos atravessamentos seja na escola, seja fora dela.

Nestes termos, ao considerarmos a ideia intrínseca da inventividade que atravessa esta construção inicial, é possível perceber que se vislumbra por meio desse movimento de criação, um:

Fazer ranger articulações entre práticas, coligir e correlacionar dados, montar e desmontar formas, refinar a precisão de ideias, usar a livre imaginação para construir e desconstruir as verdades que inventamos é nosso destino como seres que, ao nascer humanos e finitos, nascemos marcados para desejar, criar e recriar, valendo-nos de perspectivas e vieses, o mundo que nos rodeia (CORAZZA, 2018, p. 3).

Logo, o presente trabalho buscou produzir o espaço necessário para que as histórias de vida que deseja escutar – das mulheres professoras de ciências que atuam em laboratórios na educação básica – possam ser convertidas em verdadeiras (e)labor(ator)iografias que nos permitam fazer ver as nuances de seus processos de subjetivação, os elementos e práticas discursivas que destacam nas histórias que contam sobre si mesmas. Para tanto, ao longo desta investigação, reafirma-se a revelação feita a quem brinca com as palavras como quem as escolhesse a dedo na composição de um texto capaz de abraçar o leitor que lê, também um texto acadêmico; a revelação de que, “em vez de as palavras originais se manterem e de a tradução desaparecer, ambas as formas são transformadas e vivificadas pelas variações de leituras e variantes de escrituras, feitas com e por dentro dos textos e dos discursos” (CORAZZA, 2015, p. 111).

Assim, essas professoras grafam. Grafam em um duplo sentido. Grafar no sentido de deixar rastros e no sentido de cartografar. Deixam rastros na formação dos estudantes ao elaborarem aulas em espaços não convencionais – e como pesquisadora creio ser interessante

entender o caminho que as conduziu até ocuparem este lugar que as diferencia dos demais professores e professoras; principalmente em saber que tipo de encantamento há nesta caminhada que é a segunda grafia: a cartografia. A travessia formativa por vezes solitária, por vezes coletiva, por vezes inspirada, por vezes insegura que as inseriu em um universo de outro universo – no laboratório como o microcosmo mais dinâmico de outro maior, mas de funcionamento mais estático: a própria escola.

2. Biografia

A escrita de si remete a um olhar atento para dentro de nós. Envolve um processo de intensa reflexão sem em nenhum momento separar a figura pessoal da profissional, pois uma atravessa a outra e fornece significado a minha constituição. O contar-se (re)faz inúmeras tecituras, revelando um conjunto de habilidades que fazem referência às relações por nós estabelecidas, assumindo que todo o agenciamento obtido é parte importante da junção, onde provavelmente nenhum se sobrepõe ao outro, e sim, aos pares se juntam e (re)significam.

Serei breve em confessar que, ser docente não parecia fazer parte de meus planos, desses que nos perguntam toda vez que somos crianças: O que serás quando crescer? Ou talvez, essa indagação ainda não fizesse sentido naquele momento. De repente, naquele tempo, faltavam algumas peças que futuramente iriam compor as relações que me direcionaram para a docência, mais especificamente, ao laboratório de ciências.

Desde criança sempre tive muito contato com a natureza, desde a desbravar as hortas da casa de minha avó paterna, bem como investigar a chácara a qual ela zelosamente era responsável pelos cuidados e até chegar nos chás e demais ervas ensinadas para quais seus devidos fins eram utilizados, por meio dos ensinamentos de minha avó materna. Descobri, ainda, com o passar dos anos o fascínio de meu pai pelas plantas que davam vida a nossa casa.

Tanto este vínculo, quanto saber que, como ele conta, surgiu ao trabalhar em uma floricultura, me ajudaram, por exemplo durante a preparação dos materiais de coleções de botânica, em que ele me auxiliou a coletar e nomear alguns exemplares os quais eu, naquela época desconhecia. Era e ainda é muito comum para minha família os cuidados com a natureza e não é incomum que nos deparamos embaixo de alguma árvore frutífera para comermos ou buscarmos chás e temperos que nos tragam a sensação de ligação com a natureza. Hoje percebo que meus pais de forma sutil, incentivaram-me (talvez, sem nem perceber) a fazer uma escolha relacionada a uma área que era do meu interesse, talvez sem pensar em um primeiro momento em uma suposta realização profissional como consequência.

A descoberta como professora se desenrolou no momento em que adentrei a Universidade, não poderei negar em momento algum que sim, tive ótimos professores no ensino de ciências e biologia na educação básica, os quais ainda tenho algum certo contato nos dias de hoje. Estes profissionais me reafirmaram o que já estava intrínseco em minha história de vida e a trajetória acadêmica veio para somar o que há muito tempo já vinha se perpetuando em minhas escolhas. Assim, aos poucos, durante o andamento no Curso de Ciências Biológicas, fui me vinculando com a licenciatura, a educação começou a ecoar de uma forma arrebatadora, em que não me via fazendo e buscando outra coisa que não a educação e a inserção na docência. Além dos estágios obrigatórios, muito necessários para nossa formação, busquei também o trabalho nos Clubes de Ciências, no qual vislumbrei uma proposta diferenciada, sendo possível atrelar a teoria e a prática, sendo uma indissociável da outra.

Essa experiência permitiu que eu pudesse premeditar o exemplo de docente que gostaria e lutaria para ser e o espaço que eu poderia estar. A jornada profissional veio a me oportunizar esse local, já há alguns anos e posso afirmar que, o laboratório de ciências é um espaço onde tudo acontece de forma integral. Nessa perspectiva, vários elementos se encontram e se constituem, por meio da teoria, da prática, das relações. Esse ambiente emana habilidades e uma flexibilidade que até então, por muitas vezes, eu desconhecia que as tivesse.

3. Introdução

O contexto de formação permeia a investigação pelo entendimento de como vir a ser sujeito. Por meio dessa indagação formou-se a busca por compreender como, mediante a pesquisa (auto)biográfica, balizada na forma de narrativa formou/transformou a figura potente, representada por mulheres que são professoras de laboratórios de ciências, que por sua vez, se apoderam desse espaço e o mesmo a empodera, como observamos com a tessitura de Corazza (2019, p. 6):

Aquilo que o nosso ofício compreende não é um significado consistente, um sentido determinado, tampouco um mundo compreensível, mas uma dúvida a formular, um texto a escrever, uma abertura estilística que ultrapassa o princípio de realidade, forçando passagem além dos próprios limites, do peso dos dados mobilizados, da violência desreguladora dos signos e da ousadia da mão que sonha.

Por anos, a mulher foi vinculada a aprender sobre afazeres domésticos e instigada a desempenhar seu “instinto”, considerado como: cuidador e maternal, sem que lhe ocorresse a garantia pelo estudo formal. Contudo, houve um período em que se apresentou uma porta de

entrada para que as mulheres pudessem ter a possibilidade de estudar, por meio do projeto de escolarização, que garante esse direito social. Esse fato viabilizou a inserção da mulher no ambiente de trabalho, diminuindo seu patamar de submissão dentro da família, considerando essa atitude como emancipatória.

A área da docência foi amplamente ocupada por mulheres, a partir do século XX, juntamente ao movimento de expansão industrial, quando os homens foram em busca de outras posições sociais, algumas, inclusive, ainda dentro do ambiente escolar, enquanto as mulheres foram inserindo-se na docência. Evidencia-se com isso, de acordo com Bueno et.al. (1993, p. 312), que a ambiência docente:

É, portanto, um espaço essencialmente feminino, no qual ocorrem e se entrecruzam valores, práticas e comportamentos inscritos no universo feminino. Daí entendermos que seja necessário enfatizar a importância de se considerar a categoria gênero (além das categorias de raça/etnia e classe), nos relatos autobiográficos.

A predominância feminina nos mais diversos nichos impulsionou e ainda impulsiona, quando mencionamos a busca pela inserção em novos espaços, característica que pode ser observada com sua maior participação frente ao movimento de criar melhores posições em suas práticas pedagógicas. Como assevera, Apple (1998, p. 23):

[...] a transformação do magistério também levou a que a própria ocupação se tornasse campo fértil para outras lutas. Muitas mulheres se politizaram. Outras criaram sindicatos. Outras lutaram ‘silenciosamente’, no dia-a-dia para expandir ou manter o controle de sua prática docente e do currículo.

O público feminino, embora tenha se apropriado e adquirido protagonismo, é importante ter em mente a desconstrução daquilo que está supostamente naturalizado, com relação aos estereótipos que conduzem e agenciam os meios de produção de conhecimento, de acordo com Dornelas e Assolini, (2016, p. 46), ainda colaborando com esse mesmo ideário, temos novamente, Apple (1998, p. 23), revelando-nos que, “[...] o passado ainda está à nossa frente”. Há muito que se rever perante a esse contraponto, pois o caminho percorrido pela mulher revela-se ainda fortemente excludente “[...] da presença feminina não era apenas explicitada em termos da naturalização, pois era fartamente justificada pela incapacidade e pelo obscurantismo das mulheres, ao contrário dos homens, que se notificavam pelas luzes e pela objetividade”, como nos transcreve Bandeira (2008, p. 212). Isso significa que, a busca pelo espaço, talvez, nunca irá cessar e por consequência disso, cada conquista deve ser compartilhada para fornecer fôlego para àquelas que estão a buscar seus espaços de destaque.

Com a entrada na docência, um dos nichos ocupados foram os laboratórios de ciências. Estes reconhecidos como espaços que permitem ao professor e ao estudante um ambiente permeado de trocas ativas de conhecimentos, dúvidas e soluções para serem pensadas e analisadas em suas diferentes complexidades. Esse local oferece bem mais que uma simples extensão da sala de aula, sendo percebido como lugar em que conseguimos criar e recriar potencialidades até então muitas vezes desconhecidas aos nossos olhares e de nossos estudantes. Posto isso, observamos que, como discorre Cruz (2009, p. 26) “Urge, portanto, que aconteça uma reavaliação dos papéis do trabalho prático e da utilidade do laboratório, de maneira que estimule o aprendiz a se tornar cada vez mais inserido na produção do conhecimento e deixe de ser apenas um mero ouvinte”.

O laboratório comporta uma iniciativa bastante ousada ao conectar não somente o saber teórico ao prático, mas também ao ser um local de criação, envolvendo o indivíduo em uma reflexão sobre sua atuação e seus impactos como ser cidadão do mundo. Nesse campo as frentes docente e discente são constantemente convidadas a pensar e repensar suas atitudes, aplicando seus conhecimentos para ampliar e disseminar sua bagagem de aprendizagens.

Como personagem destaque dessa ação temos as professoras de laboratório de ciências, responsáveis por dinamizar e difundir esse movimento de cunho prático e reflexivo nas dependências de escolas de educação básica. Ser esse que, sutilmente se caracteriza, conforme Corazza (2009, p. 104) pelo fato de que “Sua natureza (aberta por um vazio, quando a linguagem falta) movimenta-se como dinamismo e potência, dos quais ele é expressão imanente. Ocupa, assim, um lugar alquímico de criação”.

Evidencia-se com isso a relevância do levantamento de informações, visto que, com o uso da abordagem (auto)biográfica, se consegue vir a entender um sujeito subjetivo e que ocupa um espaço onde se verifica a importância de atitudes dinâmicas, adaptáveis e fluidas. Revelando por assim que, é de suma relevância que se tenha atributos diversificados, pois é um espaço onde predomina o movimento. Com base nisso, buscamos investigar esses acontecimentos relativos às histórias de vida e deles extrair as dimensões que caracterizam essas docentes. A partir destes pressupostos, tomamos a impressão de Corazza, Nodari e Biato (2019, p. 364), em que

Propõe-se a transformar detalhes insignificantes (sem significação anterior) em signos de escrita, utilizar estes signos (aqueles que podem encantar) como disparadores de um texto, ou seja, da escrita de uma vida em experimentação e que, portanto, é produzida na potência da invenção de sentidos. Persegue-se a invenção de conectores entre ficção e realidade, entre imaginário e história biográfica.

Por meio da análise de histórias de vida das professoras de laboratório de ciências, apresentadas como tema central do estudo, podemos compreender como essas personagens (res)significam à docência a partir do espaço que ocupam no exercício de suas atuações enquanto professoras de ciências da educação básica na preparação de aulas práticas em laboratórios de ensino.

O trabalho se divide nas seções que seguem. Primeiramente, a seção 4, constitui-se com a fundamentação teórica e os referenciais teóricos tangenciando as narrativas em seu contexto e abordagem educacional, constando aspectos relevantes do ser mulher docente em espaços de laboratórios. Na sequência, na seção 5, encontram-se as tramas metodológicas que serão alicerçadas por uma abordagem qualitativa, fenomenológica e com predomínio da dialética, baseadas em diferentes referenciais teóricos. Nesse capítulo também constam as participantes e os instrumentos de coleta de informações, sendo a entrevista narrativa semiestruturada, elencada com tópicos desencadeadores de narrativa, e ainda contará com a utilização de elementos selecionados pelas professoras que irão compor a perspectiva analítica nos elementos do discurso. As seções 6 e 7 permitem a análise dos dados de maneira mais detida, sendo que na primeira, dispõem-se a tratativa analítica das inferências que foram predominantemente similares conforme os discursos partilhados por cada docente. Já na seção 7, discorreremos acerca das disparidades advindas de cada narrativa docente. A seção 8, por fim, trata-se de uma percepção geral das similitudes e dissonâncias sobre as narrativas, construindo, portanto, a concepção geral de (e)labor(ator)iografia. Ao final, as considerações finais acerca das contribuições e premissas relevantes captadas por meio das narrativas utilizadas, vislumbrando suas futuras possibilidades de pesquisas. Nestes termos, com a premissa de repensar o significado da própria docência, com base em como elas “se contam”, a pergunta da pesquisa que baliza a presente investigação corresponde a compreender: como o agenciamento entre formação – gênero – espaço, reflete sobre as formas de contar-se relacionadas à docência e acometem as relações do saber e poder?

Com o embasamento das histórias de vida, objetivamos, de forma geral, perceber como o agenciamento entre *formação – gênero – espaço*, reflete sobre as formas de contar-se relacionadas à docência. Ainda, apresentando os seguintes desdobramentos, objetivamos, de forma específica: I) explicitar quais os atravessamentos se mostram recorrentes entre as experiências de professoras de laboratórios de ciências; II) examinar as relações entre os atravessamentos evidenciados e os processos de formação e configuração subjetiva das informantes, especialmente, naquilo que tange sua conformação e (re)construção como

indivíduo e docente e III) mapear os diferentes atravessamentos, a partir de recorrências exploradas nas vivências docentes a partir de sua valoração subjetiva e objetiva.

4. Fundamentação teórica/Referencial teórico

A pesquisa (auto)biográfica, desenvolvida por meio de narrativas que contam histórias de vidas, dá luz aos personagens da ação, emergindo memórias que por sua vez, fornecem sentido para os sujeitos, tanto para aquele que fala, quanto para aquele que escuta, conforme Ferraroti (2014, p. 44), “[...] não é um relatório de ‘acontecimentos’, mas uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista) por meio de uma narrativa-interação”.

Desse propósito, evidencia-se um importante instrumento de investigação-formação, posto que sua análise perfaz um conjunto de elementos constituintes de um ser em desenvolvimento, refletindo ao indivíduo fatores que vêm o ajudando a compor e compreender quais e como essas informações contribuem em seu processo de formação, sendo uma forma de valorizar e entender as especificidades de cada um (FINGER; NÓVOA, 2014, p. 22).

Das histórias de vida, não se esperam verdades, mas sim uma rede de conexões que passam a fornecer significado para o narrador e para aquele que está a ouvir. Espera-se a partir desse exercício que o indivíduo esteja livre para contar a sua história e dela tear conexões que até então pareciam não fazer sentido, mas que no momento da fala, se convergem com as palavras do sujeito que narra. Segundo esse entendimento, afirmam Finger e Nóvoa (2014, p. 24-25), que:

Aliás, o método biográfico (ou das histórias de vida) tem se afirmado, de dia para dia, como uma estratégia particularmente pertinente para a formação de formadores: as duas funções do método biográfico, a investigação e a formação, surgem, de fato como dois eixos fundamentais de qualquer projeto de formação de formadores.

Com esse enredo, de cunho narrativo, em busca de ir ao encontro desses acontecimentos, nos deparamos com uma ampla diversidade de acontecimentos marcantes e definidores desse indivíduo, fruto de uma constante ação de modelagem e remodelagem de si mesmo, como visto por Finger e Nóvoa (2014, p. 24):

Só por meio dessa estratégia, é possível mostrar de que forma, os fatores sociais, políticos e culturais marcaram a história de vida de cada um e clarificar de que modo a confrontação de cada pessoa com esses fatores é constitutiva de uma formação sociopolítica, frequentemente depreciada até aos dias de hoje.

Diante dessa prática, se relaciona além do supracitado, também o contexto histórico, as relações estabelecidas e rompidas, fatores pedagógicos e epistemológicos que formam a singularidade do sujeito que narra e revela como os rumos de sua formação chegaram até determinado ponto e fornecendo os significados de suas escolhas, a partir do conjunto das muitas experiências e vivências decorridas em sua trajetória de vida que estão sempre a transformá-lo.

O sujeito é proveniente dos diversos atravessamentos - entendidos como registros que decorrem e que ainda produzem signo na pessoa, sejam elas positivas e/ou negativas - que se sucederam em sua trajetória de vida, subjetivando-o por meio de processos únicos que são possíveis de serem analisados e interpretados por meio da pesquisa (auto)biográfica.

É, portanto, provocado nesse sujeito que conta a sua história, não uma constituição identitária ou uma essência, mas seu ser/devir se configura e se estabelece pela diferença que se produz em si mesmo (PEREIRA, 2016, p. 35). Como alude Josso (2004, p. 39) ao nos remeter à ideia de que “A situação da construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida.”

Isso emoldura a capacidade do ser em se produzir, não em busca de uma identidade, pois a mesma, por seu significado, carece do fator mudança, que é o que produz o sujeito e toda sua singularidade. E, nessa constante mutação, esse indivíduo se reconhece, se reposiciona, se veste e produz um novo devir, tornando assim, difícil a compatibilidade a mera conceituação de identidade, em que esse sujeito de agora, já não é mais o mesmo. Fato esse que é evidenciado pela constante mudança de opiniões e questionamentos obtidos durante o curso da vida, nossas aparentes relações com os demais, as paixões que se renovam ou se desmoronam, o tempo que nos consome de forma a nos lapidar tornando-nos produto de uma constante transformação em um ciclo indeterminado.

O estudo dessa corrente, é definidor para traçar de forma individualizada, mas ao mesmo tempo coletiva, visto que, nossa vida basicamente se produz no coletivo, por meio das relações e significados atribuídos, evidenciando as perspectivas existentes no processo de formação, definida por Ferraroti (2014, p. 41), “Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante-reestruturante”.

A produção da subjetividade (o processo de subjetivação), entendida como a possibilidade de mediar um sujeito em (trans)formação é um sentido que desperta no imaginário a despreziosa noção de buscar compreender quanto significado – em termos de deslocamento

de representações e, portanto, de sentido – se vislumbra em conformidade com a prática docente desenvolvida no laboratório. Esse movimento é capaz de envolver uma gama tão grande de afetos, que se reconhece e se sabe muito dessa figura pelas memórias que se estabeleceram em cada pessoa que perpassa seu caminho.

O ímpeto emblemático e também encorajador, visto na figura de uma professora de laboratório, desafia ao tentar encontrar elementos que embasem suas escolhas que foram e ainda são movimentadas pelo fluxo contínuo de suas mutáveis histórias de vida. Histórias que se desenrolam em arranjos fabulosos, que apresentam um forte significado para serem o que são em suas práticas e ao mesmo tempo, em um fluxo criativo que parece ser normal, ela cria e recria potencialidades, que lhes são desconhecidas, mas que advêm de uma forma muito intrínseca e se desenvolve por meio de sua constituição. Se exprime por meio dessa ideia a seguinte proposição,

Assim, a reflexão sobre o processo de formação desemboca numa interrogação direta sobre o processo de conhecimento, por meio da procura de respostas à pergunta: ‘como é que eu tenho as ideias que tenho?’. Essa interrogação sobre a epistemologia do sujeito que se questiona a si próprio introduz na reflexão sobre o processo de formação um círculo de retroação que permite compreender o caráter formador da abordagem que propomos aos nossos estudantes. (JOSSO, 2014, p. 73)

Por essa indagação demonstra-se a relevância do conhecimento de si, no momento em que o indivíduo passa a centrar-se em suas referências de formação, sendo aquelas de seu próprio ser, como também aquelas adquiridas no percurso. Somadas a isso, por meio de conexões que podem ser explicadas com as experiências, essas narrativas evocam características que legitimam sua caminhada, as empossando de uma constituição embasada na sua escolha por uma formação que a diferencia das demais, tornando-a um ser singular (JOSSO, 2014, p. 74).

Uma história de vida fundamentada em uma narrativa com o olhar atento para si mesmo desvela um sujeito proveniente de interstícios os quais movimentam-se lentamente adicionando significado e formando sua história, como um legado constituído de experiências que as direcionam para o lugar onde as encontramos, que move seus corpos e se materializa como uma marca, que as difere das demais, justamente por serem seres subjetivos.

De uma narrativa emergem aspectos que, mesmo contrários, por vezes, se complementam e originam fatos novos. Com base nisso, é de extrema relevância reconhecer e se conhecer sendo sujeito que, derivado de intensos e incontáveis atravessamentos se destacou no e pelo lugar que decidiu ocupar.

Para tanto, deve-se considerar a junção de informações biográficas acerca de um público tão diferenciado e admirável evocado pela mulher, que se intitula: professora de laboratório de ciências, visto que, “[...] a autoformação feminina é luta de emancipação para a apropriação do poder de formação e para a construção de um mundo próprio, de espaços pessoais; não a partir do nada, mas sim do estabelecimento de relações ativas de organização dos elementos que a rodeiam”, segundo Pineau (2014, p. 105).

Costurando cenas, pessoas e experiências, não necessariamente seguindo uma linearidade ou cronologia, mas encaixando peças entre passado, presente e a expectativa do futuro que as conduziram ao espaço hoje ocupado e que as fazem ter legitimidade em sua escolha. Como base disso, observamos no fragmento a seguinte presunção,

Sem ser redutivo a um processo relacional, esse processo de formação tem semelhanças com um processo de socialização. Aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda. Na narrativa biográfica, todos os que são citados fazem parte do processo de formação. (DOMINICÉ, 2014, p. 81)

Há de se reconhecer que, há um vislumbre em uma história de vida, história essa que se desvela com todas suas peculiaridades e que ao mesmo tempo sendo tão exclusiva do ser, se torna tão importante de ser partilhada. Na partilha provem o sentido que fornece o signo de escolha ao revisitar as cenas que os nortearam para onde os caminhos da vida as levaram. E, dessa ação reverberam também, os incontáveis fatores para daqui não se deslocar, pois nesse espaço se tem uma morada que as edifica, as empodera e as liberta, fazendo ecoar sua escolha, em toda movimentação que faz e por quem faz.

Permite-se refletir sobre a astúcia que efetua uma pesquisa (auto)biográfica, posto que ela encontra o sujeito, enquanto ele narra sobre si e capta o ouvinte, envolvendo-o na trama, da qual ele também participa. As narrativas são uma forma de expressão, atuando em conjunto com o processo de formação, portanto, tornam-se importantes para mapear as diversas dimensões consideradas formadoras para essas professoras, por meio de atravessamentos que valoram sua singularidade, sob a perspectiva de que esse processo é “Revelador das categorias de pensamento que definem o seu processo de conhecimento, o relato biográfico explica tomadas de consciência que estão frequentemente na origem de mudanças de direção da sua história de vida” de acordo com Dominicé (2014, p. 86).

Dessa maneira, há uma conformidade no que tange o relato em si e sua ação com o ambiente e pessoas que propulsionam novas situações. Com base nesse pressuposto, ao sugerir uma coerência entre esses fatores, Pineau (2014, p. 91) nos aponta a seguinte assertiva:

Entre a ação dos outros (heteroformação) e a do meio ambiente (ecoformação), parece existir, ligadas a estas últimas e dependente delas, mas à sua maneira, uma terceira força de formação, a do eu (autoformação). Uma terceira força que torna o decurso da vida mais complexo e que cria um campo dialético de tensões, pelo menos tridimensional, rebelde a toda a simplificação unidimensional.

Nessa perspectiva discorre também sobre a potencialidade do estudo e descoberta em torno da autoformação, posto isso, exemplifica-se que, “A autoformação nas suas fases últimas corresponde a uma dupla apropriação do poder de formação; é tomar em mãos esse poder – tornar-se sujeito -, mas é também aplicá-lo a si mesmo: tornar-se objeto de formação para si mesmo”, (PINEAU, 2014, p. 95). Nesse horizonte, o olhar do sujeito em relação a sua trajetória, compreendendo o âmbito familiar, afetivo, social e todos os demais pertinentes a sua construção, acabam por produzir consistência e veracidade, numa atitude realmente significativa e idônea.

Um dos fatores considerados significativos a esse estudo é, a capacidade de atrelamento da vertente científica no âmbito da formação do sujeito, passível de verificação pela narrativa que o mesmo reconstrói de si como consequência de sua atividade por ele sugerida como um agregado de experiências, conforme contextualiza o presente fragmento,

O eu dirige-se a um tu e toma a forma na intersubjetividade. Reapropria-se da sua experiência, refletida e legitimada pela estrutura comunicacional da língua. Em resumo, a compreensão da experiência de formação é a compreensão do eu. A construção do eu é reencontrada na compreensão da transformação da narrativa ao nível profundo do texto. (CHENÉ, 2014, p. 129-130)

A emergência da subjetividade, fruto dos atravessamentos, costumeiramente causados pelos acontecimentos do cotidiano promovem um enlace na história de vida. Essas situações que, por sua vez, são providas de ações paralelas afluem diversas amarrações que, dependendo do contexto se enlaçam ou se separam, provocando um panorama intrínseco característico do sujeito narrador. Nessa perspectiva, podemos refletir que, “Na prática, permite igualmente que o formador encontre seu projeto de ser e se forme por meio da fragilidade das figuras que toma no tempo da narração, e se aproprie do julgamento de competência que faz sobre si mesmo”, (CHENÉ, 2014, p. 32).

Para o aprimoramento do trabalho recorreu-se aos seguintes repositórios de pesquisa: Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o acervo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google Acadêmico. Os descritores utilizados para todos os bancos de dados foram, “narrativas” e “professoras de ciências”, “biografia” e

“professoras de ciências” e por fim, adicionou-se o espaço de onde proverá a investigação, sendo o “laboratório de ciências”.

Dessa busca obteve-se como resultante, a partir do BDTD, 117 composições quando utilizado “narrativas” e “professoras de ciências”, 13 resultados na adição dos termos “biografia” e “professoras de ciências” e nenhum resultado ao somar “laboratório de ciências”. O Portal da CAPES, apresentou retorno de 22 produções quando utilizado “narrativas” e “professoras de ciências”, 1 resultado na adição dos termos “biografia” e “professoras de ciências” e nenhum resultado ao somar “laboratório de ciências”. Já na perspectiva do Google Acadêmico, emergiram 429 trabalhos quando utilizado “narrativas” e “professoras de ciências”, 93 resultados na adição dos termos “biografia” e “professoras de ciências” e 3 resultados ao somar “laboratório de ciências”. Entretanto, as produções encontradas não continham em seus pressupostos alguma ligação com a proposta de investigação, e sim, apresentavam as palavras que representavam conexão com os descritores utilizados. Com vistas a isso, se evidencia, por sua vez, uma grande lacuna acerca de produções que permeiam não somente as narrativas, mas também as questões de gênero e espaços de laboratórios de ciências na educação básica.

Com base nessas informações, selecionou-se na busca descrita anteriormente sete produções que estavam dirigidas aos estudos biográficos, na perspectiva das narrativas oriundas do contexto educacional. A investigação se sucedeu por meio de artigos, teses e dissertações, visando à compreensão de, como se desenvolve o processo das histórias de vida atreladas aos eixos de formação, gênero e docência. Realizamos uma “revisão de literatura narrativa” para dialogar com objeto de estudo, assim recorreremos a trabalhos pertinentes, que versavam sobre docência, o feminino e análises de trajetórias (a exemplo (auto)biografias). Para tanto, esses materiais compõe essa seção do trabalho de caráter de revisão, analisando a bibliografia, além dos e das teóricas e suas pesquisas sobre os temas que se aproximam do assunto geral deste trabalho.

De antemão, vislumbramos algumas autorias que admitem um olhar atento às questões de gênero sendo um desafio que se estende até os dias atuais, evidenciando como nos sugere Batista (2021, p. 39), “A desigualdade de gênero, construída ao longo da história da humanidade, dificulta o acesso de mulheres a determinadas profissões bem como dificulta o acesso ao topo da hierarquia de uma carreira”, com base nessa premissa, busca-se oferecer a notoriedade necessária às mulheres, de acordo com o campo de atuação de onde fluem suas habilidades e competências consideradas tão importantes no contexto educativo. Como se propõe, a docência é um desafio constante e somado a isso, o ser mulher inserida no contexto da ciência deve se desenvolver ao ponto de desafiar a criar pontes para que o protagonismo

feminino tenha vez e voz, por meio das narrativas, pois, ainda como nos apresenta Batista (2021, p. 70),

[...] a utilização de biografias, no contexto do ensino de Ciências pode promover a igualdade de gênero nas Ciências, pois favorece o contexto de ensino, pautado no levantamento de informações de diversas áreas do conhecimento, no cruzamento dessas informações para se entender os contextos de vida e de trabalho das cientistas [...].

Os estudos da vertente de pesquisa biográfica são muito determinantes, não somente para dar conta do processo de contar-se e a partir disso refletir sobre o que as memórias evocadas nos trazem como também, registra os avanços que se mostram decisivos para empoderamento de diversos núcleos, que por vezes acabam sendo desmerecidos. Na análise baseada nessa perspectiva, percebemos com os apontamentos de Oliveira e Rodrigues (2021, p 130), “[...] que tencionar tais questões, pode ser visto como um meio de anunciar, denunciar, resistir e construir uma agenda de demandas de lutas presentes-futuras na-com-por-pela profissão docente majoritariamente composta por mulheres”. Não obstante a essa premissa, se desvela conseqüentemente que, o caráter da “[...] pesquisa narrativa tem a potência de ser capaz de possibilitar a reconstrução, ou melhor, a recontação da história da disciplina escolar Ciências em uma escala microssocial, do ponto de vista de quem vivenciou os cenários educativos[...]”, como assevera, Borba e Selles (2022, p. 353) ao trazer seus estudos sobre as memórias de três mulheres para assim investigar o papel dos laboratórios de Ciências de uma determinada instituição de ensino, nas décadas de 1960 e 1990, no Rio de Janeiro.

Para tanto, se funde a importância de uma conquista que vem se desenrolando há muitos séculos, desde quando emergem as vitórias femininas, bem como suas escolhas e campos de trabalho. Fornecer o protagonismo para esse gênero ainda tão a margem da sociedade, nos amplia as questões que perpassam o ser mulher em uma posição de destaque em um ambiente onde por muito tempo se prevaleceu o masculino. Visto isso, nos remetemos ao pressuposto de Bandeira (2008, p. 213-214) em que “Processos e categorias universais correm riscos de se constituírem em núcleos e/ou redutos de um sistema de dominação, do qual justamente o pensamento feminista faz crítica. Um sujeito universal e único não é encontrado mesmo em laboratório”.

Como alude tal contexto, a pesquisa biográfica se oferece como uma via de compreensão e percepção dessas trajetórias de professoras de laboratório de ciências, evidenciando que, a partir de seus relatos podemos refletir sobre o processo constituinte de sua história de vida e como elas se percebem atreladas e dedicadas ao nicho que ocupam. Já se prevê o bom uso das

narrativas como fonte de investigação, como nos revela Passeggi; Souza; Vicentini (2011, p. 370), “as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais”. É de suma importância também a se considerar que,

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma ‘verdade’ preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização. (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 371).

Evidencia-se nessa lógica que a grafia de si, é um exercício que inclui reflexão, tanto do narrador quanto do ouvinte, é o saber que caminhos e conexões foram feitos e desfeitos durante sua caminhada e que (re)significam sua maneira de compreender a si próprio.

A pesquisa biográfica entoa uma trama que é tomada por diversas emoções e experimentações de uma vida, de onde sublimemente se torna fonte de constituição da subjetividade de um sujeito que, segundo Abrahão (2012, p. 80), “[...] adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de auto-conhecimento”. Em uma mesma perspectiva, também atribui reconhecimento a esse tipo de investigação, Passeggi (2011, p. 47), quando adverte que “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”.

A prática de reinvenção é um fator dominante, que se entrelaça às narrativas por meio da investigação dos acontecimentos enfrentados em sua jornada pessoal e profissional. Entre essas duas dimensões, sendo a individual e a coletiva se constitui um elo, portanto, sempre um estará vinculado ao outro, (re)significando as escolhas feitas por cada sujeito. O contar-se e mediante esse exercício conseguir se autoavaliar, se (re)conhecer e refletir é algo que desabrocha e conduz a fala do narrador levando o ouvinte a ter algum conhecimento de seu íntimo. Dessa forma, o pesquisador é convidado a percorrer e compreender quais labirintos entre entradas e saídas foram atravessadas por essa pessoa e como diante de diversas rotas, a vivência a incorreu no local onde se encontra.

Incidem informações descobertas ao utilizar um seletivo grupo de mulheres professoras de laboratório de ciências, tais como alude Abrahão (2012, p. 85), quando afirma que “trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos

narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador”. Partir dessa proposta, é o que irá fornecer corpo ao trabalho quando do resgate da triangulação existente entre a formação, o gênero e a docência. Nesse contexto, percebemos o significado dos símbolos que emergiram a cada forma de contar e recontar suas histórias, resgatando suas memórias e valorando cada episódio existente nessa conexão que estenderá entre narrador e ouvinte. Aspectos resguardados vem à luz, pela memória de contar a si própria, dando subsídios para que deles se extraiam dimensões e habilidades que as acompanharam durante sua caminhada ou até mesmo, foram atribuídas ao seu fazer docente, como assevera Abrahão (2012, p. 93):

A interpretação do investigador não desqualifica a interpretação/reinterpretação do narrador, que será respeitada em seu ‘estabelecimento da verdade’, mas representa uma leitura do material narrativo, tendo em vista uma ‘referência de verdade’ para além das narrativas, no esforço de compreender o objeto de estudo em duas perspectivas: na perspectiva pessoal/social do narrador - que representa as individualidades - na perspectiva da dimensão contextual da qual essas individualidades são produto/produtoras.

Ademais, fica claro que as histórias de vida não pretendem alcançar verdades absolutas, mas visam encontrar significados que tenham convergência com os acontecimentos que uma vez foram narrados, fornecendo suporte para que o pesquisador possa interpretar e repensar acerca de como essa trama subjetivou essas mulheres.

Evidenciamos das pesquisas biográficas, no caso específico desse trabalho proposto, a prospecção das narrativas eixos que se assemelhem e que se diferenciem, naquilo que tange ao espaço ocupado, como sendo o laboratório de ciências, suas relações com a docência, bem como os atravessamentos que demarcaram suas jornadas e que por escolha ou vocação as conduziram para seus locais de labor. Essas ramificações têm a capacidade de apresentar o que de fato foi entendido como definidor para a posição que ocupam revelando a sua relação intrínseca de paixão pelo trabalho inventivo, flexível e criativo, que um laboratório pode oferecer a quem estiver disposto a desfrutar e dele tecer amarrações únicas das quais elas não pretendem se desfazer, como afirma Passeggi (2011, p.148) “[...] as palavras não são apenas uma representação da realidade, mas uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso [...]”, de tal forma, também complementa Delory-Momberger (2016, p. 137), quando constata que, “As experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos”.

Emergentes da abordagem biográfica, também apreciamos a inconstância na temporalidade, compreendendo que as tramas que as compõe não são construídas de forma linear, tanto isso fica enunciado que, durante uma contação de história de vida, se organizam diversas viagens no tempo, partindo da infância, mas retornando a ela ou a qualquer fase da vida, sempre que necessário. Desse arranjo, é perceptível que transpareça, mesmo que de forma sutil, os marcos que se relacionam ao saber e poder, que configuram suas representações individuais e coletivas, provenientes de uma prática discursiva, assim como nos afirma, Delory-Momberger (2016, p. 136):

[...] o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega ao fim, em uma sucessão, uma acumulação, uma sobreposição indefinida de episódios e de peripécias, de provações e de experiências. A dimensão biográfica deve assim ser entendida como uma elaboração cumulativa e integrativa da experiência segundo uma hermenêutica que faz da trama narrativa seu modo de apreensão e de inteligibilidade da vida.

Ao partir da busca por fontes biográficas para compor a propósito de trabalho, percebemos a validade de trazer esses indícios que exemplificam sua importância na premissa de construir, a partir do movimento de escuta de um público específico, tratando-se de mulheres que são professoras e escolherem os laboratórios de ciência, para constituírem suas trajetórias. De posse de valiosas questões emergidas desse estudo se tem uma evidenciação daquilo que tange as relações dispostas pelo tripé: formação – gênero - espaço, bem como um melhor entendimento sobre a influência entre saber e poder que estiveram e ainda estão presentes em suas formas de contar-se.

5. Tramas metodológicas

A presente pesquisa se propôs a utilizar uma abordagem de pesquisa qualitativa, sugerida a partir da exploração de narrativas que são permeadas por entrevistas narrativas individuais semiestruturadas a partir de tópicos desencadeadores das narrativas (APÊNDICE A), juntamente com a utilização de imagens e com viés de preconizar a narrativa.

5.1. Abordagem do trabalho

A pesquisa configura-se em uma abordagem qualitativa, desenvolvida por meio das narrativas de histórias de vida de maneira individualizada, com base nos âmbitos pessoal e

profissional, intimamente integradas e que acabam por abranger aspectos ocorridos desde a infância até os dias atuais – permeando também especulações sobre perspectivas futuras. Atribui-se ao contexto da entrevista a utilização de tópicos com questões abertas e relevantes ao local de trabalho das professoras, sendo o laboratório de ciências da educação básica, contendo questionamentos pertinentes as suas biografias, que irão ajudar a perceber suas trajetórias, balizadas na estrutura caótica e por vezes, contadas de forma não linear.

A abordagem qualitativa proposta por Creswell (2007, p. 186), projeta que,

Diversos aspectos surgem durante um estudo qualitativo. As questões de pesquisa podem mudar e ser refinadas à medida que o pesquisador descobre o que perguntar e para quem fazer as perguntas. O processo de coleta de dados pode mudar à medida que as portas se abrem ou se fecham para a coleta de dados, e o pesquisador descobre os melhores locais para entender o fenômeno central de interesse. A teoria ou padrão geral de entendimento vai surgir à medida que ela começa com códigos iniciais, desenvolve-se em temas mais amplos e resulta em uma teoria baseada na realidade ou na interpretação ampla.

Visto isso, a proposta veio a enriquecer a coleta de informações e forneceu subsídios mais específicos que foram atrelados ao *corpus* de trabalho, prevalecendo, por meio da dialética, a relação entre o sujeito e o objeto.

Ainda, o pesquisador reconhece o sentido da sua prática, acerca do contexto apresentado por Creswell (2007, p. 187):

O pesquisador qualitativo reflete sistematicamente sobre quem é ele na investigação e é sensível à sua biografia pessoal e à maneira como ela molda o estudo. Essa introspecção e esse reconhecimento de vieses, valores e interesses (ou *refletividade*) tipifica a pesquisa qualitativa atualmente. O eu pessoal torna-se inseparável do eu pesquisador.

A pesquisa em foco ainda se propôs a investigar a questão de gênero proveniente da entrevista narrativa que rodeia o ambiente no qual essas mulheres exercem suas jornadas, sendo fundamentada na escolha da abordagem que a qualifica, proporcionando “[...] uma lente teórica, como um foco em questões feministas, raciais ou de classe, que orienta todo o estudo”, (CRESWELL, 2007, p. 130).

Em detrimento a essas potencialidades, define-se como balizadora a utilização de uma abordagem qualitativa, em conjunto com a utilização de diretrizes propostas por Creswell (2007), que nortearam a proposta de trabalho.

5.2. Tipo de pesquisa

A pesquisa de cunho narrativo, incide sobre o compartilhamento das professoras de suas histórias de vida, levando em consideração que, “Contar histórias implica em duas dimensões: a dimensão cronológica, referente à narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um ‘enredo’”, como afirma Jovchelovitch (2002, p. 92).

O enredo, portanto, é sugerido como fator de sentido na elaboração das narrativas, fornecendo coerência e contexto a cada fato partilhado (JOVCHELOVITCH, 2002, p. 92). A investigação se delimitou a proporcionar uma entrevista individual e semiestruturada, apoderando-se de questões abertas, equivalentes a tópicos, valendo-se da seguinte premissa: “Para se conseguir uma versão menos imposta e por isso mais ‘válida’ da perspectiva do informante, a influência do entrevistador deve ser mínima e um ambiente deve ser preparado para se conseguir esta minimização da influência do entrevistador”, (JOVCHELOVITCH, 2002, p. 95).

Ao equivaler-se da entrevista semiestruturada, é permitido assegurar, de acordo com, Minayo e Costa (2018, p. 13),

[...] que combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados.

Com isso, a utilização de narrativas, e a sua condução, com base em tópicos construídos a partir de questões abertas, supriu diversas demandas acerca das histórias de vida; bem como permitirá a sua compreensão, por meio das análises dos acontecimentos que perfizeram suas trajetórias, nos âmbitos social e pessoal.

5.3. Participantes da pesquisa

A proposta de pesquisa contou com a participação de quatro mulheres professoras de ciências. As participantes foram provenientes de diferentes escolas localizadas no município de Porto Alegre, com a condição de que exercessem seu labor em laboratórios de ciências na educação básica.

Todas as professoras foram convidadas a preencher previamente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) para a pesquisa e também um formulário acerca de suas Informações pessoais (APÊNDICE C), garantindo que as informações a serem utilizadas não identificarão nenhuma das participantes, proporcionando confidencialidade e anonimato acerca de suas narrativas.

As professoras possuíam idades entre 45 e 58 anos, se identificaram com o gênero feminino, três se declararam brancas e uma se declarou preta. Das docentes, três realizaram seus estudos na educação básica majoritariamente em escola pública estadual e uma em escola privada; duas frequentaram escola técnica; uma possui uma segunda graduação na área de Ciências/Química; três possuem especialização, sendo uma em Educação em Ciências Práticas, uma em Zoologia de Invertebrados e uma em Educação; duas têm título de mestrado, uma na Biologia e a outra na Educação em Ciências; nenhuma possui doutorado. As respectivas professoras lecionam em uma escala temporal de 10 a 35 anos com atuação de duas nas séries iniciais (1º ao 5º ano), uma nas séries finais (6º ao 8º ano) e uma nas séries finais (6º ao 8º ano) ao ensino médio; três delas estão alocadas em escolas privadas enquanto uma está em escola pública municipal e dentre as quatro docentes seu tempo de labor nos laboratórios estão compreendidos entre 4 a 21 anos.

5.4. Instrumentos de coleta de informações

As informações têm como fonte primária a utilização de entrevista narrativa, individual e semiestruturada, como também se valeu do uso de imagens que compõem as premissas do ambiente de trabalho desenvolvido pelas participantes do processo de investigação.

A entrevista, ocorrida de forma individualizada e gravada com a permissão da participante, elencou tópicos a serem investigados, tais como, vida familiar, infância, relações afetivas, proximidade com a docência e demais conexões que foram fruto do contar-se perseguindo o curso biográfico. De antemão, foi fornecido para as participantes um Formulário com informações das participantes, dentre algumas das questões teremos: idade, formação, gênero e tempo de docência.

Não houve, portanto, a intencionalidade de organizar perguntas prévias e fechadas e sim desencadear temas que propiciaram a narrativa para não conduzir a participante a outras especificidades que talvez a desvinculem de seu ímpeto natural de fala, pois “Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que

constroem a vida individual e social”, como alude, Jovchelovitch (2002, p. 91). O intuito era que partisse da narradora o discorrer sobre sua história de forma fluida, com intervenções da ouvinte apenas em momentos que as falas se tornassem ausentes, como oportunamente contribui Ferraroti (2014, p. 47), no seguinte contexto: “O conhecimento não tem o outro por objeto, mas sim a interação inextricável e recíproca entre o observador e o observado”.

Ao finalizar a trajetória biográfica, as participantes foram convidadas a compartilhar algumas imagens pessoais que remetiam ao contexto de suas histórias de vida, como exemplo: foto de momentos e pessoas significativas em suas vidas, materiais pedagógicos, fotos das atividades desenvolvidas nos laboratórios, dessa forma nos esclarece Penn (2002, p. 322), ao incitar que “Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente. Suas relações sintagmáticas são espaciais e não temporais”. Esse instrumento de utilização de imagens, ajudou a proporcionar uma análise mais substancial e conclusiva a respeito da motivação e paixão pelo ambiente onde laboram.

As informações foram gravadas, apenas com a utilização de som durante o curso da entrevista e, após a finalização do encontro foram elencados pela pesquisadora, por meio de uma sistematização memorialística do encontro as informações que se fizeram essenciais e pontuais durante o curso da entrevista, no entanto, a gravação foram instrumento importante para a retomada de alguns pontos durante o curso da narrativa.

5.5. Perspectiva analítica

A análise, baseada nos instrumentos utilizados no desenvolvimento da investigação se deu com base Embasamento nos discursos ecoados das diferentes histórias de vida propostas para compor a investigação que regem individual e coletivamente suas potencialidades e empoderamento. Nessa perspectiva, mediante a organização desses documentos de cunho narrativo torna-se possível propor verificações que possibilitem perceber como o sujeito se produz; fazendo uso da construção de narrativas individuais, bem como sua averiguação e por fim, conceber um entendimento do como se constituíram no decorrer de suas práticas.

Essa aplicação, ainda proporciona a aproximação de dimensões que podem ser caracterizadas como divergentes, bem como ajudará a traçar os pontos que convergem entre as participantes da pesquisa, por meio de seus discursos. Ocorrendo, dessa forma, traços dentre essas mulheres com as relações de saber, pertinentes as suas formações e de poder, no que tange ao espaço que ocupam e que, por sua vez, reverberam de suas biografias, demonstrando como os agenciamentos as conduziram até o momento presente.

6. Entre costuras: análise e percepções das entrevistas – Parte I

Ao conceder a atenção para alguém – nesse caso em específico, para as professoras de ciências, denominadas “participantes” nesta investigação –, somos envolvidas com suas falas, ora predominantemente transitando pela vida pessoal, ora pela profissional, até o momento em que é possível que essas docentes possam se vislumbrar como sendo uma só: mulheres constituídas por suas partilhas e decisões; sejam elas externalizadas ou não – considerando o fato de que por meio de algumas expressões e/ou gestos, se pode ver além do que é dito (o que traduzimos por não dito), mas que se torna veemente pressentido ao quando a ausência de suas palavras ressoam sobre suas emoções.

Há tanto que se refletir sobre si, mas ao mesmo tempo tão distante se faz de nós essa prática, pois acabamos não nos permitindo esse sentimento de olhar para quem somos, quem nos tornamos e quem ainda poderemos ser. Vê-se a relevância de perceber que o ser que somos hoje, ou que fomos no passado ou seremos no futuro, é gerenciado por diversos agenciamentos dirigidos por forças as quais somos atravessadas em nossas caminhadas.

Assim, de diversas fontes emergem e imergem acontecimentos que vão costurando nosso exercício de contar-se para alguém, por vezes suprimindo algumas realidades que não estão prontas para serem compartilhadas ou refazendo conexões e com isso aplicando sentido para as decisões que hoje as tornam as professoras que aqui se apresentam. É possível compreender que cada uma de nós têm sua própria história e, com isso, há traços que as aproximam e outros que as diferenciam, sendo assim, cada uma pode atribuir objetos, pessoas e situações que lhes forneceram forças escolhidas e tratadas de formas diferentes, no entanto, prevalecem alguns atributos que são unânimes, carregados em nossas falas e ressignificando a maneira como nos reconhecemos neste tempo presente.

Diante desse ímpeto de desvelar nosso propósito, evidenciando nuances de encontros e desencontros, essas narrativas embarcaram na trajetória de transpor seus fragmentos dedicando-se cuidadosamente a inúmeros atravessamentos e instâncias afetivas, as quais denominamos de “dimensões”. Essas dimensões trazem consigo aspectos muitas vezes engendrados na instituição familiar, por vezes, carregam aspectos profissionais muito determinantes e fortes em suas vidas e escolhas. Fato tão contundente com a disposição dessa ideia dimensional, se pode averiguar em Foucault (2015, p. 82-83):

A história, genealogicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstina em dissipá-la; ela não pretende demarcar o

território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam.

Para tanto, se propõe que a análise persiga por meio de discursos díspares os quais, de alguma maneira, acabam por aproximar algumas subjetividades docentes, mas que, ao mesmo tempo, não busca nenhuma métrica relacionada a sua ocorrência, mas sim aos modos como as coisas se apresentam e à qualidade das interações narradas, conforme afirmam Menezes e Costella (2019, p. 98): “A dimensão temporal é inerente às narrativas (auto)biográficas, de modo que estas apresentam uma sequencialidade. Todavia, as mesmas não obedecem ao tempo cronológico, visto que se apropriam deste para transformá-lo em tempo humano”. Dessa forma, por meio da memória, a narrativa encontra um espaço para (re)contar como se constituíram os agenciamentos concretizados como as verdades expostas por cada uma das docentes que emprestou sua história à feitura desta dissertação.

6.1. Dimensão familiar

A trama familiar consecutivamente apareceu e prevaleceu nos discursos das participantes, cada um com seu olhar, sentimento e signo próprio, mas fortemente projetado, como se essa instância constituísse a base para a construção dos demais pilares de suas trajetórias. É importante destacar que, ao discorrer sobre a simbologia familiar, foi possível perceber que ela não se manifestou somente no olhar perante o pai e a mãe, mas apareceu solidificada, por exemplo, na relação entre irmãs, irmãos, cônjuges e avós, trazendo diversas outras formações a partir disso.

Talvez a minha avó, que sempre fez coisas envolvendo pedagogia em casa, né? Minha mãe também, que só não é professora porque não quer! Mas acho que tem tudo a ver assim, essa coisa da ancestralidade. (P4)

Supostamente somos invadidos pelo reflexo das ações das pessoas que nos cercam, dessa observação podemos extrair e separar fatores que se conectam e ou não se conectam com nosso devir. E em algumas situações é concebível inferir que, quando estamos de certa forma inclinados a uma proposição, essas contribuições se fazem mais substanciais ao que internalizamos a nós propriamente, ditando nossa relação com o mundo. A imaginação de como isso se manifesta no sujeito pode ser atingido pelas perplexas relações a partir de nossos predecessores que acabam sendo informantes dos vislumbres de experiência de vida, e nos

remetem a aprendizados acerca do que já viveram e de certa maneira projetam em nós algumas de suas disparidades, as quais podemos ou não acolher e se a escolha for positiva é razoável que consigamos fortificá-las em nossa trajetória.

Os diversos discursos surdidos das professoras abarcaram de forma unânime a dimensão compreendida pela família. Uma carga consigo uma lacuna pela perda de seu pai e mãe, porém traz com muito sentimento as marcas pressentidas e carregadas até os dias atuais. Portanto, essa dimensão carregou diferentes conceitos de família, umas mais fortemente entrelaçadas entre irmãs e outras apoiadas nos pais.

É porque eu venho realmente de uma família que sempre me apoiou. Sempre me apoiou em tudo que eu quis fazer e sempre me valorizou enquanto pessoa, sempre abriu portas para mim, entendeu? Vai lá! E sempre me disse vá, se tu não quiser ficar, volta, pois nós estamos aqui te esperando. Então, é dar segurança, entendeu? (P1)

Embasado nesse fragmento, compartilhado por uma das docentes, é permitido pensar sobre a intensidade e força advinda da constituição familiar em que, apesar do vínculo afetivo se apresentar fortemente consolidado, essa força acaba por ser desmedida quando surge esse movimento de liberdade, mas ao mesmo tempo a probabilidade do retorno, sempre que preciso. Uma fortificação dessa estrutura tem por consequência tornar essas docentes mais confiantes de seus papéis que estão desempenhando ao contarem suas histórias de vida, como também pode ser comprovado pela seguinte partilha:

Eu sempre tive pai e mãe muito presentes, que sempre nos doutrinaram, nos deram toda a educação. A educação que eu tenho hoje se deve à formação que eles me deram. Os moldes e os modelos que eu tive, mesmo eu perdendo, assim, a minha mãe falecendo quando eu tinha 16 anos. Então, a minha mãe mesmo, que me deu a formação, é a minha irmã. Essa minha irmã mais velha, que mora comigo[...]. (P2)

Há de se concordar que, por vezes nos interpelam eventos fora de nosso alcance e que modificam as rotas padrões que tendemos concretizar acerca de pais e mães. Temos a prevalência de acreditar – e também de desejar – que esses seres deveriam nos ver crescer até que adquiríssemos uma idade um pouco mais avançada, que estarão juntos para vibrar nossas vitórias e afagar as mágoas surgidas das intensas tentativas diárias do nosso viver. Por conseguinte, nem sempre é o que ocorre, nos fazendo refletir sobre o fato de que a família ainda existe, mesmo sem uma parte essencial dela, no entanto, se concebe de outros meios a potência para seguirmos em nossas incertezas, que de certa forma irão nos levar ou nos trazer de volta de alguns lugares.

Cabe ressaltar que durante as narrativas se obtém espaço para aquilo que não é dito, por diversos motivos; tais como a ativação de memórias que, mesmo sendo de muito afeto nos traz intensos sentimentos os quais talvez ainda não estejamos preparadas ou confortáveis para compartilhar. Os fatores para não deixar evidente o que ocorreu podem ser dos mais diversos, como relatado por algumas delas ao trazerem e referirem às perdas de familiares de maneira muito precoce, portanto, isso não desqualifica na visão de alguma delas e supressão dessa informação em detrimento da família não ser tão importante, mas nos leva a pensar que ainda pode haver lacunas não preenchidas e que ocasionam uma maior discrição ao revelar essas particularidades.

Eu fiquei bem perdida assim, quando perdi pai e mãe[...].(P2)

Esse relato carrega consigo um traço muito profundo. É uma imensidão de sentimentos que re(surgem) ao lembrar esses acontecimentos. Ao se examinar essas informações, é possível refletir sobre a potência e força que se estabeleceu nessas professoras, como esses eventos que de um lado colaboraram, mas de outro suprimiram a presença de pessoas tão importantes quanto pais e mães. Essas mulheres foram interpeladas pelos mais diferentes agenciamentos que as tornaram produtos de um devir, de um refazer-se constante, em que não podemos dissociá-las das diversas subjetivações que as compuseram.

[...] meu pai sempre dizia assim e por isso que ele sempre incentivou a gente a estudar, [...] o conhecimento ninguém te tira, pode falir financeiramente, mas se tiver conhecimento, tu faz de novo. (P2)

Com uma premissa tão contundente, se pode perceber que, conforme o relato, embora possam ser atingidas por diversos atravessamentos, a vitalidade se encontra no poder do conhecimento, demonstrando por meio da simbologia familiar que se constituiu numa dimensão severamente confiante no potencial advindo da formação. Ou seja, as palavras vem ao mesmo tempo para fortificar e confortar, preparando para as possíveis intempéries, mas nunca desacreditando do potencial capaz de se (re)fazer.

[...] Surgiu o concurso do município, daí o meu marido disse assim para mim, olha só, eu vou te dizer uma coisa: é melhor tu fazeres esse concurso e voltar para o magistério. Só ele me apoiava para voltar para o magistério. (P4)

É considerável o fato de nossos entes acreditarem em suas potencialidades e não deixarem que sua formação e construção venham a ruir. Para tanto, a subjetivação inclina-se a se desenvolver por meio disso, provavelmente se percebe e se infere a partir da caminhada de

cada uma, contudo, o olhar de pessoas que reafirmam e embarcam em suas escolhas as permitem que sejam atravessadas pelos inúmeros fatores cotidianos que as tornam seres em constante formação.

Como elucidada Durães (2012, p. 281): “Embora o saber docente advenha de um campo profissional institucionalizado, encontram-se presentes, nas relações sociais, as marcas das contingências” Essa máxima advém do princípio de que, essas mulheres por vezes já chegaram a se distanciar da carreira docente para se estabelecerem em outros nichos que com o tempo perceberam não trazer sentido para suas vivências. Dessa forma as relações ainda permanecem sendo um marco crucial para que possamos enxergar as diversas potências delas, o exercício do protagonismo e dessa maneira permitir que sigam ocupando mais espaços que anos de luta aos poucos vem proporcionando.

O desenvolver das histórias, de certa forma, com suas contações e recontações, idas e vindas, apresenta constantemente a família em seus mais diversos pontos e extensões, ou seja, há uma força que acaba costurando essa dimensão em outras. E dessa dimensão se carrega algumas probabilidades que são refletidas em seus atos, pois de alguma forma aquelas situações demonstram representar discursos de verdade que ainda remetem sentido as docentes.

6.2. Dimensão interpessoal

A caminhada é individual, por vezes, sendo também difícil em alguns momentos, no entanto, as relações que estabelecem uns com os outros podem ser definitivas para darem prosseguimento ao que aparentemente almejam. Muitas vezes, o trajeto se faz solitário e árduo, em que a aceitação, por vezes é necessária ou até mesmo uma singela movimentação em torno de que as pessoas reconheçam o que tentam projetar. Essa sobreposição de expectativas aos poucos vai lapidando alguns trejeitos que levam consigo pelas trocas que sofrem a partir da influência dos demais, juntando a nós diversos fragmentos das diversas pessoas que fazem ou fizeram parte delas e as movem rumo ao tornar-se sujeito de suas escolhas, condutas e ações. Ademais, e firma a ingerência do outro para com o ser – pensar nisso, desvela o que ficou no indivíduo baseado na relação ou na observação de outro alguém, revelando o que escolheram ou não para seu devir.

Eu sou a referência deles, como professora do laboratório. E eles amam, né? (P3)

[...] a escola tem que se apropriar. E em 2017 ganhou um dia no calendário escolar, a feira de ciências da escola [...]. (P4)

Diante do proposto, concretiza-se uma relação em que as professoras vistas como profissionais e juntamente com isso, se estabelece um laço afetivo, tanto para os estudantes como para a professora, até que essa relação por hora se expande para a comunidade escolar. A relação se consolidou muito certamente pela postura, cuidado e ternura que essas professoras levam consigo, causando admiração no espaço ocupado por elas. Provavelmente esse laço se consolidou, pois tanto os alunos quanto a professora estavam livres e disponíveis para embarcarem nessa jornada de aprendizagem, com respeito aos limites e liberdades uns dos outros. Outrora a escola como um todo se fez presente nessa história, vivenciando as potencialidades que aos poucos foram se desenvolvendo e envolvendo os estudantes chegando ao ponto de se criar uma data significativa para uma atividade de cunho essencial para a formação desses indivíduos. Há nesse contexto uma grande vitória, visto que se instituiu com o passar dos anos a oficialidade dessa proposta de descobertas e investigações acrescentadas pelo espaço que o laboratório de ciências ajuda a oferecer.

Isso é importante, pois a forma como estão se constituindo leva em consideração, mesmo com todos os atravessamentos e agenciamentos possíveis os fatores em que acreditam e que as permitem ponderar se uma coisa é de alguma forma mais forte e prevalente que outras.

Eu fui observando, eu fui olhando os professores que eu queria e professores que eu não queria ser. (P2)

Do caminhar, surgem muitos contrapontos e por isso nossa tendência se articula a conveniências que vão de encontro a algumas percepções. Assim, vamos incorporando determinadas escolhas e construindo verdades sobre nossa história e justificando os rumos que se fizeram caminho.

[...] em seguida, eu acho que o pessoal entendeu qual era a minha proposta de trabalho e viram os resultados do engajamento dos estudantes, aí eles perceberam que podia ser diferente, então daí eu entendi que eu fui mais respeitada pelos colegas, né? (P1)

Como revelado no discurso da docente, as verdades que alimentam e constroem nem sempre satisfazem o olhar do outro, pelo menos não a uma primeira vista. No entanto, o acaso surge e se vislumbra pelo julgamento dos demais a sua constituição, contribuição, relevância e empoderamento como profissional detentora de suas ações. Todas essas características sendo fruto de uma sementeira de experiências fortalecidas ou suprimidas nessa trama. Às vezes,

nossa experiência se faz também motivação para ser compartilhada com outrem, caso que pode ser observado no excerto:

[...] eu fazia reuniões com os professores que tinham sido meus professores no ensino fundamental e no ensino médio, e eu ali, como uma supervisora, e sempre nessa linha da atividade prática, da investigação, da problematização, e isso a mais de 20 anos atrás. (P1)

Eu tenho amizade com a minha orientadora até hoje, né? É uma pessoa maravilhosa, professora de ciências [...] (P4)

Ao longo dos anos de construção de uma (re)organização pessoal e profissional, por vezes podem se deparar com a possibilidade de retornar aos seus formadores, sejam eles professores ou professoras e que se fizeram importantes para partilhar o que se construiu com o passar dos anos. De acordo com o exposto acima, esse movimento foi possível, para assim, conseguir mostrar aos demais profissionais que alguns tenham exercido uma ação tão potente em suas histórias de vida, que emergiu dos diversos agenciamentos um poder maior que as carregou para o lugar onde ocupam. Talvez, essa situação seja ímpar de ambas as partes, pois há de se refletir o quanto impactamos na vida de alguém para sermos seguidos como exemplo, generalizando a situação é possível reconhecer que esse fator não é tão comum, mas é realmente contundente o suficiente para impor novas verdades em suas trajetórias, que são reflexos dos atravessamentos desencadeados das inúmeras relações que presenciamos diariamente. Das relações que estabelecemos por meio de nossas histórias de vida, aquelas que envolvem nossos pares tendem a ser potencialmente significativas, fortificando-nos de alguma maneira – produzindo relações de admiração (ou não) do trabalho alheio, podendo nos fazer acrescentar a estas pessoas um valor perceptível quando nos referimos a ela em nossos discursos (tomados como práticas) – os quais utilizamos para atribuir sentido em nossa caminhada. Desse pensamento, definimos de certa forma a singela objetividade que contornam as relações, seja com os estudantes ou com nossos colegas de jornada, que não necessariamente possuem os mesmos interesses, no entanto, assim como nós, estão encharcados da convivência educacional:

E que o que fortalece o ser humano são as suas relações, porque nós somos seres sociais que precisamos nos relacionar e as relações sadias que acontecem na vida da gente e aquelas que não são sadias, também nos ajudam a aprender. (P1)

[...] tem que ter uma estrutura emocional para lidar com teus pares, com teus próprios colegas. Você tem que ter uma estrutura emocional para lidar com um sistema. (P1)

[...] eu trabalho em conjunto com as professoras regentes de turma. (P3)

Muito mais que desenvolver essa astúcia de estabelecer relações com os demais, se faz necessário também a gestão com um sistema precário, no sentido de, por vezes não transmitir às educadoras um ambiente de convivência mais leve, onde a prevalência de um sistema seja menos burocrático e assim, haja mais forças a favor da continuidade e dedicação ao seu trabalho, fruto de inúmeras conquistas atingidas com o passar dos anos e ainda em busca de estabelecer muitas mais. Esse ponto culmina em algo que possui alguma relevância, que é a permanência dessas professoras em sala de aula. Trata-se de atravessamentos que poderiam ser qualificados como contundentes ou enfáticos em suas relações; uma espécie de força que prevalece em algumas dessas mulheres e as faz escolher a docência, mais especialmente, o laboratório. Portanto, os relacionamentos se des(constroem) no dia a dia, é a partir deles que também somos mobilizadas para algumas situações, tais como as compartilhadas:

[...] nunca um dia é igual ao outro, nunca uma sala é igual a outra, porque tem salas que tu tem empatia e tem salas que tu não tem tanta empatia. Tem aquela sala ímpar, porque ali que acontece assim, o brilho no olho. (P2)

Eu me questiono muito e às vezes eu penso assim, se eu preparo os nossos meninos aqui para trabalhar, para viver fora do mundo do nosso muro, sabe? (P2)

[...] sempre me dando bem com os estudantes, porque isso chamava a atenção deles e eles tinham muita afinidade comigo, muito assim, de conversar, de trocar ideias, de acolher os estudantes, de mostrar para eles um mundo um pouco diferente [...] (P1)

Da interação com o outro e para consigo mesmo, é interessante a reflexão desse contraponto, pois a forma como se relacionam, diversas vezes é impactada pelo contato que temos com os demais e isso interfere revelando diversas faces de uma mesma “professora”, durante um único dia de aula, assim, conforme nos acrescenta Durães (2012, p. 281): “[...] os professores e professoras têm demonstrado que existe uma tendência de eles e elas repetirem, nas práticas de ensino, as suas experiências educacionais familiares e pessoais” Nessa troca é comum perceber o quanto são também, eventualmente, um exemplo de formação para esses indivíduos, pois a partir de suas atitudes conseguem refletir para esses alunos diversos modos de ver e aprender o lugar que eles podem ocupar no mundo frente as suas ações diárias. Isso se constrói, uma vez que, como relatado pelas palavras das entrevistadas, cada sala apresenta uma característica e em resposta a esse perfil, acaba-se criando sempre outros (e mais) devires, conforme a necessidade vai se apresentando. É válido considerar que, por isso não elas não se fazem essência e sim fruto de diversos agenciamentos (trans)formados dentro do contexto vivido e rememorado.

E eu me lembro que as professoras todas olhavam para mim com uma cara assim: ela está começando agora, é jovem, não é? Está querendo revolucionar. (P1)

Queria fazer reciclagem do lixo lá (judiciário) na época nem se falava em lixo orgânico e seco. E eu queria sugerir essas coisas, mas pessoas não aceitavam. (P4)

Assim, é oportuno trazer a superfície o modo como, por vezes, o trabalho é avaliado perante outras pessoas, há quem diga, como exposto acima pela professora (P1), se tratar de um ato quase exibicionista, já que, muitos acabam não se aventurando no ambiente mutável que é um laboratório, contudo, com prevalência do contexto e potência no qual o trabalho é desenvolvido e a partir dos resultados que se fazem visíveis, se passa a retratar ao olhar do outro um novo viés. Dessa forma, demonstra-se novas atitudes frente a ocupação desse espaço, empoderamento e conseqüentemente uma melhor oportunidade de ensino e aprendizagem para os mais diferentes públicos e perfis de estudantes. De antemão a essas especificações, é necessário se desprender das amarras que induzem ao perfeccionismo, ao passo a passo e a técnica, para que os estudantes possam compreender que, mais do que desenvolver um experimento – é necessário se envolver – fazer parte e experienciar novas visões de um mundo em que estão inseridos. Conseqüentemente para essa finalidade rege-se que o discente possa ser protagonista e atribua um significado ao que está promovendo, dessa forma sua participação é imersiva e o coloca como promotor das suas funções. Por outro viés, às vezes pode se desvelar em frustração e desestímulo, uma vez que, o espaço que estamos ocupando não as comporta, representando a ideia de que, aparentemente são muito maiores do que se possa imaginar. Essa ocorrência pode ser fator mobilizador para emitir o alerta para quem realmente elas são e com isso passarem a pensar em retornar e se reconstruir em um espaço onde possam produzir com efeito os ecos de sua formação.

[...] sabe, deixa ele errar e aí eu vou ali e concerto. Tinha muito aquela coisa assim, daquela mãe que quer segurar no colo e não deixar cair, mas ela vai cair, acostuma. (P2)

[...] Tudo que eu precisava para minhas aulas de experiências, eles já me esperavam na porta do colégio: professora, o que tá precisando hoje? [...] (P1)

Posto isso, ajudamos o outro a perceber uma nova construção de mundo, em que ele, por meio da mediação das professoras, se torna peça principal do decorrer das atividades experimentais e isso o engaja de forma a ressignificar esse espaço e sua atuação dentro dele. Ao se converterem em protagonistas e mediadoras também concebem essa missão aos alunos, trazendo-os de forma muito singela e acolhedora a exercer esse papel comum aos demais. E

isso é um fator propulsor de algumas professoras de laboratório e ajuda com que se difunda essa ideia e cada prática seja mais motivadora e envolvente ocasionando novas percepções aos que fazem parte dessa jornada.

Embora o espaço de laboratório ainda seja pouco ocupado nas escolas de educação básica, faz se importante pensar na potência de uma mulher estar à frente desse ambiente, porém, também ainda há de se pensar muito sobre sua jornada solitária, pois todas as participantes exercem seu labor sem muito apoio, sendo as únicas responsáveis pelos bastidores que são invisíveis no momento do decorrer da atividade com os alunos, mas que são a peça-chave para que o curso da aula se construa.

Então assim, eu como protagonista, eu me vejo assim no sentido de que eu não tenho paralela, né? [...] às vezes é ruim, mas às vezes é bom, né? Às vezes é muito ruim, porque você não tem com quem dividir essa carga e pensar junto outras possibilidades [...] (P3)

Em decorrência de um trabalho um tanto solitário, é compreensível que se possa inferir que talvez essas docentes podem ter ou estar enfrentando desafios acerca dessa situação, que acaba não possibilitando a interação com os demais para traçar novas ideias. E seria esse um motivo passível de desistência, o que de fato não ocorreu com nenhuma delas, visto que mesmo tentando seguir por outros rumos em um determinado momento de suas narrativas de vida, novamente se realocaram na condição de docentes. E de certa forma, das inúmeras pessoas que fizeram parte da trajetória delas existem aquelas que as reafirmaram como docentes e que parecem as admiram pelo que se tornaram. Não haveria como dissociar as relações das histórias de vida, por serem intrínsecas à vida de cada professora, mas sim reverberar o que suas coexistências propiciaram.

6.3. Dimensão acadêmica e profissional

De onde essas mulheres partiram e para onde vão/quem são/como podem saber quem são/seriam elas o que deveriam ser/são o que devem ser? Esse questionamento permeou de forma bastante significativa os discursos, sendo que, a partir das falas muito se discorreu sobre seus possíveis inspiradores e incentivadores do contexto de suas escolhas de vida. A reflexão constante de que, como haveria de se saber que hoje estariam compondo um protagonismo em um ambiente voltado a experimentação e ludicidade que são fatores que muito colaboram para a aprendizagem.

Com posse de muitos fragmentos de verdades compartilhadas pelas docentes, é possível compreender que os moldes familiares são atributos que elas carregam consigo e externalizam por meio de sua prática.

[...] é isso que eu sempre tive na minha cabeça, que enquanto eles[os alunos] tivessem comigo, que fossem os melhores momentos da vida deles[...]. (P1)

Embasado nesse trecho de uma das professoras, podemos vislumbrar que ela possa ter transmitido aos seus estudantes um pouco do afeto e ternura que receberam e algumas ainda possuem do contexto familiar. Isso nos emana a ideia de quantas potencialidades, forças e empoderamento as fizeram chegar aonde estão, ao mesmo tempo que mostra sua face construtiva e subjetiva, que constituem e representam o seu ser e fazer.

No entanto, o questionamento acerca de como se projetou suas trajetórias permitiu que tivéssemos muitos pontos de vista diferentes, bem como alguns fatores que nos traçaram rotas diversificadas, fato que pode ser vislumbrado, a partir desse contexto:

[...] eu não escolhi, não é? Eu fui indo, na verdade, eu fui fazer biologia pensando em fazer Zoologia, porque eu gostava de bicho. Aí cheguei na faculdade. Eu vi que a coisa não era bem assim, né? Não era tão fácil trabalhar em Greenpeace, em WWF. (P3)

A vida é carregada de frustrações e essa constatação foi construída pela professora, ao relatar que o cenário que ela havia construído não era tão simples de ser alcançada, mas se constata que mesmo diante desse fato outros agenciamentos se fizeram para que a docente seguisse adiante em sua caminhada. Esse cenário remete a como projetamos nossas vidas, por vezes repletas de exemplos os quais acabam não sendo prováveis para quem estamos construindo, não que não se merecesse tal mérito, contudo, as ocasiões se fazem outras e por fim o desfecho se demonstra diferente do idealizado, no entanto, não distinto do que as tramas temporais foram agregando a nossa subjetivação.

*[...] eu fui para esse novo colégio para fazer o PPP, que era a Preparação Para o Trabalho. Aí eu cheguei lá, fiz o teste e a freira disse assim: o teu perfil é mais de uma professora.
De uma professora? Eu disse: quem? eu? (P4)*

A fonte das incertezas se apresentou em algumas contações e até descrenças acerca de suas potencialidades e empoderamento. No entanto, houve uma força dentre os acontecimentos

que prevaleceu e as moveu para a direção que hoje se estabelecem, visto que, em alguns dos relatos, se obtiveram os seguintes pronunciamentos revelando esse abismo:

Quer saber? Não quero mais dar aula, chega, cansei. Não quero mais. Não quero ser professora. Tive uma crise assim, entendeu? (P1)

Eu trabalhei 8 anos no judiciário, mas assim, infeliz, infeliz, infeliz, infeliz, infeliz, mais infeliz impossível [...]. (P4)

Perante esse extravasamento, há de se imaginar a concretização de uma dualidade de forças e perceber que, aparentemente nesse interim a docência veio a se apagar. É um fato que pode acontecer, que seria o distanciamento da docência; em algumas situações pela baixa remuneração, outras pelo esgotamento emocional, por fim, existem tantos fatores que podem culminar nesse agastamento temporário ou definitivo, como exemplificado pela professora (P1). Percebe-se também que, outros campos de trabalho possuem de alguma forma suas intransigências e isso se soma ao descontentamento por escolher momentaneamente recorrer a outros subsídios. No entanto, ressurge em meio ao tempo uma nova situação que a reencaminha para a docência, como evidenciado:

[...] eu estava grávida. Então, em 2005, eu fui afastada do raio x. E nunca mais voltei. (P1)

Desse momento, talvez a professora que parecia por ora estar esquecida, tenha renascido e ressignificado ainda mais suas potencialidades, fato consumado é que, após esse marco, ela não saiu mais da docência e se fortificou como professora de laboratório de ciências. Talvez, nesse ponto se permita depreender que suas verdades naquele lugar não estavam construindo sentido e por conta desses novos atravessamentos que a fizeram ser mãe, também a transmutaram como professora, pois mesmo após o período de carregar uma vida a mesma não obteve presunção de retorno ao cargo que anteriormente ocupava. Há de se pensar que esse evento pode ter produzido um nascimento e um renascimento, ocasionado pela gestação e pela afirmação como docente, respectivamente.

Eu vi que realmente era isso que eu queria, porque eu adorava essa questão assim, de dar aula. (P1)

A educação está em mim assim há muito tempo, sabe? (P2)

Se re(conhecer) foi uma tarefa que apareceu durante as narrativas, ora na tentativa de se encontrar ora na de refletir sobre a produção de seus devires. Dessa particularidade ocorreu a

noção do quanto é importante não somente ser, mas se reconhecer na tarefa de ser professor, em que não somente importam os conteúdos, mas sim as pessoas que estão compartilhando desse espaço com elas diariamente. E junto a isso, se soma a questão de sobre como atingimos esse patamar que nos ajuda a estabelecer relações de afeto com os estudantes e as pessoas que circundam nossas vidas.

[...]Eu tenho muita responsabilidade com quem está ali dentro. (P2)

Mas tem uma coisa que é muito pessoal e subjetiva, o professor, ele tem uma luta individual [...]. Eu acredito que quando o professor está numa sala de aula, ele se transforma. Porque ele sabe que aqueles seres humanos estão ali. E ele sabe que ele é um mediador da vida daquelas pessoas, entendeu? (P1)

Ademais, a educação faz muito mais do que trabalhar os conteúdos curriculares, pois ela transborda de relações entre os pares, necessita exercício de paciência e reflexão acerca de qual rumo estão convidando os estudantes a embarcarem juntamente com elas. Portanto, em que pese diferentes adversidades possam surgir no contexto docente, é preciso que encontremos razões que nos motivem e ajudem a transcender as barreiras de um ensino que se concretiza, por vezes balizado em um trabalho em que não há prevalência dos estudantes nas discussões com a construção de novas maneiras de ser e perceber o mundo e voltar o olhar para o desenvolvimento desses jovens, exercitando formas de ajudar a constituir e desenvolver sua formação como cidadão crítico para que assim possa associar maneiras de lidar com as adversidades, compreender as singularidades e respeitar os demais.

Eles faziam formação para professores de escolas públicas, então tinha formação de física, química, biologia e eu trabalhava como estagiária lá. E, eles coordenavam as feiras de ciências do Rio Grande do Sul. Ali eu aprendi muita coisa, quando eu fui para o estado (colégio), eu levei todo esse conhecimento e encontrei um outro colega que também tinha bastante conhecimento. A gente fez assim, chover nas feiras de ciências do estado. (P4)

Além disso se redefine um comprometimento proveniente dessas mulheres que estão aparentemente na busca por aperfeiçoamento, fator esse que as preenche de novas perspectivas a serem compartilhadas com os alunos e a comunidade escolar. Portanto, esse movimento agrega ao produzir outros rearranjos em torno de seu fazer docente, permitindo que suas aulas sejam mais concretas e ajudem a desenvolver uma melhor aprendizagem em torno das aulas práticas, que são marcadas por uma significação e percepção divergente da teoria.

A caminhada é longa para muitas das docentes, contudo é importante resgatar como se desenvolveu essa “missão docente”, de que forma isso emergiu, pois por diversas vezes nos

discursos foi mobilizado pelas falas que algo suficientemente regido por uma força naturalmente concreta as levou para onde estão. De fato, essa provocação pode ser vislumbrada nas decorrências de saída e retorno para a caminhada docente, comprovada pelos discursos de algumas das professoras e pela chegada nessa instância de labor, conforme se pode constatar:

Aí uma colega que fazia química comigo, ela já trabalhava aqui como monitora de laboratório, me disse: tem uma vaga na biologia que não quer tentar? (P2)

Agora vamos ver o que tem aqui pra gente destrinchar, não é? Eu tenho que montar esse troço aqui, né? Aquela foi a minha prova de admissão. O que eu sou hoje tem muito dessa professora, tá? (P2)

Nós fazíamos trabalhos de feira de ciências todos os anos, eu e minhas colegas (P1)

O movimento em prol da esfera educativa teve vários encontros e desencontros, mas cada um deles contou com a participação de pessoas que as fizeram ir adiante em busca de desenvolver seu potencial, seja um professor, um mentor de trabalho ou uma amiga, todos foram peças importantes que colaboraram na conexão dessas mulheres com o fazer docente e o espaço do laboratório. Não necessariamente essas pessoas possam ter realmente definido suas escolhas, contudo, as fizeram refletir e ponderar seu protagonismo em seu campo de trabalho. O exercício de aguçar nossas memórias reaviva muitas situações que são constituídas como relevantes na constituição pessoal e profissional e o ato de retomá-las possibilita que talvez se reafirme com maior consistência o compromisso de cada uma dessas professoras. Ademais, isso enseja o pensamento sobre como cada uma se projeta em algumas situações como um reflexo daquilo que acreditam e das experiências que as ocorrem, como se fossem pequenas peças de um infinito quebra-cabeça, onde sempre haverá espaço para acomodar como também para desacomodar algo. Porém, munidas de todos esses agenciamentos, as fazendo escolher a docência, isso ainda não foi para elas o seu ponto de chegada atual, muito ainda havia de se desvelar até estarem imersas nesse espaço:

Quando eu comecei, eu era muito de fazer experiências nas aulas de laboratório de ciências da natureza. (P1)

Ainda havia lacunas a serem preenchidas que pudessem conduzi-las ao laboratório – uma vez que, não basta apenas realizar práticas para se constituir professora de laboratório, antes de tudo se deve racionalizar sua contribuição, definição, repensar a prática como docente, visto que, não é algo fácil de se proporcionar no ambiente educativo se almeja-se uma construção integral, responsável por levantar questões que possam auxiliar na esfera coletiva e

individual acerca de situações que ocorrem no cotidiano. O fato de exercer essa posição sem sua intencionalidade acaba sendo uma prática pela prática e por isso, não tensiona os fatores potencialmente definidores que buscamos reconstruir tais como, responsabilidade, reflexão, exercício da cidadania, colaboração com seus pares e diversos outros pontos que promovem uma formação de qualidade desses jovens.

[...] fazia estágio num laboratório de reciclagem, fazia aqueles manequins (corpo humano com órgãos e demais estruturas) só com o papel reciclado. Todo o manequim era doado para as escolas, a gente tinha as formas e tudo. Quando eu me formei, eu ia fazer especialização nesta área. Só que o que aconteceu? Eu tinha passado no concurso do estado. (P4)

Em relação ao excerto acima, mesmo com a finalidade da especialização desejada não ter sido cumprida naquele momento e devendo tomar uma decisão sobre o rumo a ser seguido, podemos elencar que ocorreram eventuais forças, segundo as professoras que de um jeito as redirecionaram para uma outra rota, mas que carregou consigo uma bagagem de extensa aprendizagem, a qual pode ser tensionada no andamento das aulas e descoberta como professora de laboratório. É visível que a docente aparentemente já tinha em si a astúcia e uma certa dose de experiência que de pronto a fizeram escolher o laboratório como produto dos agenciamentos que se manifestaram para que se idealizasse a escola como lugar idôneo.

Em suma, é relativamente verossímil destacar que um dia essas docentes buscaram respostas do como poderiam cumprir seu papel nos laboratórios, uma vez que, na maioria das universidades acabamos nos encontrando com um laboratório muito mais voltado para a parte técnica e não para o ambiente escolar. Inclusive, esse poderia até mesmo ser uma postura que resultasse em um impasse e que as pudesse desestimular a perseguir tal labor, segundo a docente (P1). De pronto foi nessa encruzilhada que as docentes relataram enxergaram um horizonte para estabelecerem e se empoderarem, diversificando esse espaço e envolvendo atitudes que colaboram com as situações de ensino e aprendizagem.

[...] eu nunca tinha sido na minha vida, professora de laboratório. Como é que é isso, né? Como é que vai se fazer isso? Como é que vai se constituir? Porque agora estava legitimado que ia ser professora de laboratório. Então eu tive que construir essa pessoa de laboratório. Com a experiência que eu trazia e com as expectativas que eu tinha. (P1)

Então isso aí teve que ser construído e está sendo construído até hoje, porque eu não me vejo uma pessoa pronta. (P1)

Eu venho de uma caminhada assim que eu comecei ali com 12 turmas, hoje eu tenho 22, mas foi aumentando gradualmente. Eu fui me acostumando com esse aumento, né? (P3)

A educação básica ainda é demasiada precária de experimentações, pois a maioria das escolas é desprovida desse espaço e quando os tem não possui professores exclusivos para esse tipo de atividade, fazendo com que o professor da sala de aula necessite gerenciar o tempo entre esses dois espaços. O que fica relativamente visível nos discursos é que o ser professora de laboratório não se fez algo automático para cada uma e sim uma profissional a ser constituída e aprimorada com seus devires, que permeiam os mais diferentes territórios e as constituem e modificam, pois o não estar formada como esse ser, as faz ter noção sobre suas atitudes e refletir conforme sua prática, demonstrando que o seu fazer diário está em constante aprimoramento, mudança e aberto a acolher novas reflexões. Por essa noção tensionada pelas docentes, percebemos a partir das intenções de Menezes e Costella (2019, p 85), que

Constituir-se professor/a apresenta uma dimensão espaço-temporal, tendo em vista que ocorre ao longo de uma caminhada que perpassa por diferentes espaços formativos. As experiências vividas desde a vida escolar e este transitar por lugares aos quais são atribuídos sentidos e significados compõem os percursos de formação dos sujeitos e influenciam sua identidade profissional.

Ao observar os relatos das docentes, tais premissas permitem (re)compor sua trajetória de constituição docente e de sua profissão.

A questão do laboratório, foi sempre uma coisa que me acompanhou. As experiências científicas, trabalhar com métodos científicos sempre me acompanhou e é uma coisa que eu não consigo dissociar [...] (P4)

Como já evidenciado em alguns excertos das entrevistas, o movimento reflexivo conforme o desafio de falar sobre si mesma se faz, de alguma forma se apodera das memórias e as compartilha como verdades que constituem cada uma. Por essa razão, ao reviver suas trajetórias elencam-se diversas tramas, costura-se um ponto ao outro e às vezes se desfazem as costuras, contudo esse exercício racionaliza uma percepção de quem somos e o motivo pelo que somos, reconhecendo que nossos pontos de afirmação sempre nos perseguiram de alguma forma, nos conduzindo a instância que nos dispomos atualmente.

Poderíamos pensar que seria o destino somente o responsável por tudo isso, todavia dessa proposição tensiona-se o que a partir desse fragmento se pode extrair, é fato que ao contar sua história e externalizar suas verdades a reflexão se torna central nessa jogada de discursos. Por esse fundamento se infere que as nuances da vida entram em ação em várias ocasiões e cabe a cada um de nós irmos em direção a essa força maior atuante. Essa força remete a um caráter

que se desenvolve em decisão e prática sendo atrelados aos atravessamentos que se apresentam em nosso contar-se.

6.4. Dimensão do ser e fazer pedagógico

Eis que nos deparamos com um local onde muito é possível e necessitamos pensar em como fornecer mais do que uma prática, mas uma experiência, um agenciamento com o mundo que nos cerca. Nesse ponto estamos nesse local idealizado e fortemente gerenciado pelas entrevistadas. A partir das narrativas, é nesse lugar que tudo acontece e que elas podem ocupar tanto seu posto de protagonista, quanto o de mediadora do ensino e aprendizagem.

O fazer educacional de uma sala de aula é uma esfera bem diferente, como aponta em sua análise, partindo das premissas de Pierre Bourdieu e Edward Palmer Thompson, a autora Marilda da Silva (2005, p. 153) expõe que “[...] a natureza do ensino na sala de aula é constituída por uma estrutura estável, porém estruturante, isto é, uma estrutura estável mas não estática, que denominamos *habitus* professoral”, embora não tão distante do laboratório, no entanto, esse apontamento traz consigo algumas nuances consideráveis naquilo que tange a ludicidade, adaptação e criatividade. Nesse ambiente, é preciso não comente transpor os conteúdos teóricos em práticos, mas de variadas formas, compreender os limites e possibilidades potenciais dentro de uma turma e traçar as demais alternativas que auxiliem em sua construção de sujeitos da aprendizagem. Portanto, nesse espaço se deve pensar em estratégias que ajudem a trabalhar e construir, tanto os alunos quanto as professoras, pois se pode realizar a mesma atividade inúmeras vezes e com cada turma e estudante obtermos respostas diferentes, mostrando o quão mutável se demonstra esse lugar.

O foco do laboratório permanece em trazer aos estudantes uma visão e conexão com o tempo e com sua própria existência, desde a infância sendo otimizado esse ambiente com a realidade a sua volta:

Dentro do contexto, coloco o filmezinho, aquele do Wall-E [...] Eu falo para eles, só imaginem, estão vendo o jeito que está o planeta Terra? Olhem de longe, como é que está o planeta Terra, está igual o planeta que vocês enxergam hoje nos livros? (P3)

Eu gosto muito de trazer exemplos práticos para eles[...] (P3)

O decorrer dos experimentos, como muito compartilhado pelas docentes, permeia as questões do dia a dia e do contexto dos alunos, buscado demonstrar a relevância do que estão

desempenhando nas propostas, porém não deixando de lado a questão da ludicidade que motiva e engaja os discentes nas aulas práticas:

[...] a gente faz aquilo que eles mais gostam, que são os experimentos de fazer pasta de dente de elefante, vulcão colorido. (P3)

O primeiro dos fatores que são determinantes para mim hoje é o interesse do aluno. A aula tem que ser significativa. (P2)

Há de se ter por vezes o rigor da matriz curricular, embora seja possível também contar com a ajuda de atividades mais dinâmicas, até mesmo pelo fato desse local ser pertencente aos alunos e se efetiva a importância de também fornecermos espaço para que eles possam explorar situações diferentes e que sejam de seu total interesse. Posto isso, emerge as diversas influências de agenciamentos que se somam e constituem forças que as levarem a mediar essa situação de poder gerenciar todos esses inúmeros atravessamentos que as auxiliam a organizar um plano estratégico em que não se desmereça a criatividade das crianças e jovens, mas ao mesmo tempo as faça personagem principal dessas decisões. Se tem uma tarefa difícil com esse jogo de poderes em mãos, ilustrando uma via que poderia ser dupla, e, no entanto, não se faz, já que ambos estão em busca de conseguir se empoderar desse espaço, desvelando a potencialidade do educador e do educando. E esse poder é muito forte, mas que não se sobrepõe ao outro, nesse local todos ocupam espaços- sendo como professor, como aluno e essas variantes se invertem, pois mesmo na posição de docente, estamos sempre a aprender até mais do que a ensinar, visto que só conseguimos desenvolver essa competência, pois nos permitimos escutar, aprender e dar espaço ao outro.

[...] as práticas do laboratório e o professor de laboratório, ele mexe com uma coisa fundamental do ser humano, que é o sentimento. O aluno tem que sentir para aprender. (P1)

O sentimento é uma das melhores formas de exemplificar as ocorrências de aulas práticas cada uma delas gera com intensidade os mais diversos em cada um dos participantes, seja de forma positiva ou negativa. Com base nisso, o vivenciar e experienciar o laboratório se efetiva de maneira dinâmica na aprendizagem, é preciso colocar muita dedicação para que isso envolva nossos estudantes de um jeito que eles percebem a magnitude e mudança que isso irá lhes trazer. Esse local emana por todas as fontes uma dimensão que vai muito além da costumeira sala de aula, onde se necessita contar com improvisos fruto de situações inesperadas, mas de nenhuma forma ignoradas.

[...] Esse é o lugar do aluno construir a coisa [...] (P2)

[...] eu percebo assim, que eles gostam de mão na massa, sabe? (P2)

No laboratório, nada está muito pronto. A gente está sempre buscando coisas diferentes. Eu acho que ele vai muito mais fundo do que supostamente uma aula normal teórica. (P1)

A culminância de todo planejamento de uma atividade prática desenvolvida pelas professoras enfatiza a questão do envolvimento do educando, dele ser o foco de todo raciocínio que se fez durante a idealização da atividade, pois esse momento é inteiramente pensado com o objetivo neles. Por esse motivo, que nesse lugar o trabalho está em constante andamento e sem o intuito de um ponto final, uma vez que, ao laboratório é atribuído muito mais do que somente a aprendizagem e desenvolvimento de conteúdos, mas sim uma rede de habilidades que se conecta a cada momento que estamos presentes, professoras e alunos, dali muita coisa acontece, se desenvolve, se constrói e reconstrói. Nessa variável podemos desmistificar algumas crenças que temos e nos abasteceremos de novas convicções, consequência da impermanente característica desse lugar que está sempre em constante movimento pelas forças de ações e trocas advindas de quem ocupa esse espaço.

Em 2014, esse símbolo foi criado, né? Porque assim, eu queria muito que tivesse uma criança negra ligada à área da ciência, né? Porque esse é um fato que a gente sabe que, não existe ainda tão forte como se quer, né? (P4)

E, se está lembrado que o trabalho com o sentimento e a entrega dos estudantes e professoras é importante, a representatividade embarca, juntamente nessa perspectiva. Como compartilhado pela docente é preciso tratar das questões que envolvem gênero, raça e cor, como fator mobilizador posto pela professora que superou e ainda supera muitos desafios centralizados em uma sociedade que exclui e subtrai oportunidades a quem não apresenta os padrões ditados e definidos no processo de construção social e cultural. Munidos dessa contextualização, o estímulo desencadeado pela mesma certamente irá influenciar nos padrões de vida de cada estudante que tiver contato com ela, trazendo questões sobre suas oportunidades e sempre buscando protagonismo aonde forem. E mesmo que o sistema afirme o contrário, a voz que ecoará pela luta de cada um será algo que não poderá ser apagado ou silenciado, e é inspirador além de ocupar um espaço que a empodera, ser protagonista e lutar pelo ideal de todos.

Nesse ínterim o recinto do laboratório acaba sendo um campo limpo, onde pode haver a externalização de sentimentos, palavras e a relação de respeito para com os demais. Isso abrange um arcabouço de competência inestimáveis que podem ser responsáveis de um único lugar e que deixa marcas definidoras para o longo da caminhada de cada indivíduo:

Acho que um grande objetivo que eu tenho no laboratório é essa questão da organização do estudante, da autonomia desse estudante. O que a gente trabalha com estudante no respeito às diferenças vai fazer com que o estudante se torne mais seguro e vai ser importante para vida dele em qualquer espaço que ele frequenta. (P1)

A memória que eles têm é das aulas práticas. Ninguém vem me falar assim, de uma aula de história, não desmerecendo história, geografia, né? (P2)

De fato, é visível que as entrevistadas em suas falas acreditam tanto na potência do que fazem - o que é imensamente importante- que dessa tríade de participantes é deveras forte e convicta do que fazem e naquilo que tange ao ensino e a aprendizagem se esmeram para proporcionar o melhor, obtendo total consciência de que seus trabalhos nunca estão estáticos, bem ao contrário, demonstram fluidez e ciência de que tudo se constrói aos poucos, mas sabendo que suas obras nunca estarão acabadas, pois sempre haverá mais e por quem realizar. Essa sabedoria tem um pouco da dimensão familiar, carregando com elas o olhar atento e a mão estendida pronta para acolher e zelar, contudo, sempre direcionando quais caminhos se pode seguir, o que pode se inferir a partir de suas memórias acerca do convívio familiar.

Essa crença que as docentes foram acrescentando em suas bagagens, juntamente com suas histórias de vida, são um ponto intenso em suas articulações nas aulas de laboratório, oferecendo uma astúcia e originalidade que até então muitas não sabiam que tinham, no entanto, o tempo, a experiência e seu empoderamento frente ao espaço ocupado foram desvelando para elas esses aspectos tão inerentes a sua constituição de sujeito autêntico e adaptável.

E assim eu fiz um óculos todo preto para simular que a pessoa está cega, peguei um outro e risquei com lixa para mostrar o que é catarata; faço eles fazerem o nome deles em braile. (P3)

É interessante perseverar pelos discursos das participantes seu ímpeto livre e disponível para a criação, mostrando que de suas constituições ecoam produtivas e criativas ideias em prol de uma aula mais dinâmica e engajada, ressaltando que nesse espaço se aprende com e nas diferenças que cercam nossos muros, fazendo com que consigam se entender como sujeitos cidadãos do mundo para vivermos para além dessas fronteiras. Além, disso a força do protagonismo impera para que a criação seja eficiente e a entrega que se dará por cada indivíduo

que passa por esse lugar. O poder emana unicamente dessas professoras, contudo, deve-se retomar que esse status não ordena uma posição que deve ser servida por alguém e sim, uma ideia de que se tem subsídio e força suficiente para que essas professoras transitem entre ser protagonistas e mediadoras, sabendo o que e como ceder esse protagonismo para os discentes em formação, na tentativa de ajudar a prosperar cada aluno em seu desenvolvimento integral e consciente.

Eu me entrego enquanto professora, para aquele momento com eles e eu vejo que eles se entregam também. Eles vibram com a gente. Eu faço, sei lá, 20 erupções vulcânicas na manhã. Até a última eu estou vibrando, porque uma é diferente da outra, porque tu vês o estudante feliz com aquele momento e não tem como tu não fiques feliz com o que tu estás presenciando, sabe? (P1)

A arte de ser sensível aos olhares de seus estudantes é uma marca que essa professora está se permitindo transbordar. Em um outro campo de labor, talvez essa repetição não se demonstrasse com a mesma empolgação e sim, mais como um afazer mecanizado e incluído em nossa rotina. Ademais, não é isso que percebemos por meio de seu discurso, ao contrário eles estão ali com e pelo outro e isso que torna essa mediação possível. A visualização de um ser protagonista, que consegue com os subsídios da mediação centralizar o processo de ensino e aprendizagem em seus estudantes.

Esse tal poder exercido pela função atinge nas docentes um patamar de atributos em seu fazer pedagógico que as transforma em sujeitos diferenciados, pela sua capacidade de reflexão, sua descoberta laboral como um resultado de lutas, sua forma de utilizar a criatividade e sua sensibilidade em um laboratório. Por esse viés, elas anunciam que a técnica não se mostra tão mais importante do que a vivência e a construção pessoal e coletiva de quem adentra esse ambiente. E esse fato é o que torna essas docentes e o laboratório um local de onde emergem diversas verdades e agenciamentos, que por conseguinte colaboram na formação de cada um.

7. Caminhos que não se cruzam

Como toda história composta de uma lembrança, em que se busca resgatar fragmentos de vida e traduzi-los em um significado de nossa composição como sujeito, se encontram elementos ainda não explorados a ponto de sustentar uma referida reflexão sobre o que seu caminhar até então a ressignificou e constituiu como ser docente. E nessa constante de devaneios acerca de si mesmas, fluem por suas tramas as memórias responsáveis por subjetivá-las a tal ponto de tornarem suas conversas em nuances apontadas única e individualmente, não

sendo um ponto onde se possa conectar umas às outras, apresentando-se como traços subjetivos e particulares com uma distorção que se remete a outras fronteiras, as levando por diferentes certezas, como nos demonstra Foucault (2023, p. 18): “Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade e a que ninguém pode escapar: ela está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças”.

Todas possuem intercorrências que se desviam, mostrando outras faces de elementos que antes não eram tão perceptíveis ou que não pareciam apresentar um significado para que percorrêssemos ao seu encontro. Contudo, toda história é marcada e recria sempre novas/outras verdades, tanto é que, certamente daqui a alguns poucos anos essa rede de tramas se desfaça em novas tecituras, uma vez que, cada uma, por meio de sua subjetividade, potencializada com todos seus agenciamentos e devires já não serão os mesmos.

A cada ciclo estamos nos (des)construindo e nos (re)fazendo, revelando o quão as professoras são atravessadas por todos os eventos que perpassam suas narrativas. Para tanto, se demonstra crucial abordar cada singularidade partilhada de forma única por cada uma das docentes, manifestado que cada uma é sujeito de sua própria história e trazem consigo particularidades do seu ser que as distingue das demais.

7.1. Uma trajetória que se fez um novo caminho

Dos discursos, eis que uma das professoras confia por meio das suas reavivações de memórias, que – e deixa-se bem entendido – aparentemente não lhe restou arrependimentos sobre sua decisão. O fato é que por ser deveras estudiosa, sempre teria buscado novas fontes de conhecimento e uma delas foi com o doutorado, que ela acabou por não concluir. Contudo, a história se desenrola de uma outra maneira, pois naquele momento um novo ser estava a fazer parte dela, seu filho, a quem ela muito estima e tem amor e carinho. Portanto, ela trazia esse elemento de que ela era uma doutora, mas sem o título que a concebesse como tal.

Eu comecei a fazer o doutorado, consegui bolsa 100% e ainda ganhava um dinheiro, que era uma bolsa da Petrobras. [...] Não concluí o doutorado, né? (P3)

Seria viável acreditar que realmente, esse desencontro não a afeta, todavia o simples ensejo de retornar a ele, pode demonstrar ainda que, não que houvesse um arrependimento, pois o marco de sua história de vida estava em um patamar no qual aquela situação não fazia sentido que se desenrolasse, no entanto, alguns entraves a fizeram reavaliar e seguir por outros rumos. Sua narrativa pontuou algumas dificuldades com a orientação e somado a isso, veio o título da

maternidade, resultando em escolhas, assim como toda nossa vida segue sendo pautada. Baseado nisso, concede-se a reflexão de importância que estabelecemos a todo momento em nossas trajetórias e como produto disso somos levados ou desviados de alguns caminhos, pelo menos momentaneamente, pois ainda há de se incorrer que um dia o jogo de forças mais uma vez se aplique e novas predileções se façam.

Todavia um novo caminho diferente daquele anterior não a faz como incompleta, porém ressignifica seu momento, pois aquela fase acabou gerando uma nova problematização e com isso, uma escolha. Essas alternativas se desenham e são sentidas de forma única a fazendo reorganizar seu caminho, todavia não perdendo o encantamento do período que não deu prosseguimento naquela ocasião.

7.2. A simbologia feminina como exemplo

Dentre as professoras entrevistadas foi possível captar em meio as suas memórias a grandiosidade vinda do exemplo de (alg)uma(s) das mulheres pertencentes à família de uma das docentes; aflorando a constituição de uma ideia de construção de sua imagem proveniente de uma pessoa que transbordou e contribuiu em sua formação pessoal e profissional.

Minha avó: uma mulher muito intensa também sabe, então, uma pessoa muito boa, muito intensa, muito verdadeira e muito forte. Na verdade, eu sou de uma família de mulheres fortes, entendeu? De mulheres que não se apagam. (P1)

Acerca disso é permitido refletir que, diante da composição familiar, haverá por vezes uma inspiração derivada de uma figura a qual se terá uma maior identificação. Portanto, mesmo com muitos elementos no âmbito de convívio pode se desenvolver uma força maior advinda de alguém e que irá resultar de alguma forma em nossa formação e identificação.

De certa forma essa partilha vem carregada de uma simbologia muito grande e ao mesmo tempo tão desmerecida que configura o protagonismo feminino diante de uma sociedade que ainda tem muito a refletir acerca dessa questão. A essa fala se carrega um misto de potência que se destina a atribuir tamanho reconhecimento a uma mulher pertencente ao domínio familiar e que transformou de alguma forma a sua história e crença. Assim como nos informa Félix (2015, p. 225): “[...] é fundamental tanto para promover uma cultura de respeito às diferenças e aos direitos humanos, quanto para fomentar uma pedagogia que ensine, entre outras coisas, que as diferenças de sexo não podem ser materializadas em desigualdades de direitos e de acesso”.

O movimento de resistência perdura nesse trecho abordado pela professora, uma vez que, do feminino provavelmente se permanecerá expressando a vigilância pelas garantias adquiridas, ora para não serem esquecidas ora para não nos serem tomadas. Para tanto, a simbologia feminina pode trazer a característica de transpor uma vivência em que prevalece as noções de igualdade, espaço, empoderamento e voz, sendo uma personificação dos direitos que foram obtidos e que conseqüentemente nos foram passados por meio das conquistas de suas ascendentes.

7.3. A conexão com a escola

Ao soar de suas primeiras palavras, uma docente decidiu compartilhar o quão espetacular é a escola a qual trabalhou durante uma grande parte de sua vida e onde ainda se encontra nos dias de hoje. A lembrança compartilhada por meio de sua narrativa perfazendo sua jornada é ovacionada com tanto carinho e zelo, que mesmo ao não dito se pode inferir o quanto é importante esse lugar em sua vida.

Eu cheguei aqui, eu estava no terceiro, quarto ano de faculdade, eu me formo e continuo trabalhando aqui. Então aonde foi a minha formação profissional aqui, a minha formação toda foi aqui dentro, sabe? (P2)

Diante desse fato se pode por várias vezes durante o seu discorrer inferir a noção da escola ser uma extensão de sua moradia. Por isso, reverbera uma parte de sua constituição como sujeito, uma vez que, mesmo com as idas e vindas ao narrar seu processo, esse ponto se (re)fez cada vez mais condizente. Aqui podemos (re)pensar a esfera escolar como contribuinte de sua história como um ponto positivo, pois muito sabemos o quão difícil pode ser a convivência nesse ambiente, visto que cada um desses locais se apresenta algumas vezes como motivo para causar um mal-estar em algumas docentes. De alguma forma, diante o exposto se constata que essa causalidade não se constituiu e por isso a professora atribuí imenso valor a instituição a qual faz parte e retrata com tanto carinho.

7.4. A galeria dos cientistas negros

Como já projetado, a questão de gênero, raça e cor persegue e cobra alguns elementos ditados por uma sociedade moldada por preconceitos e intransigências. A própria história das mulheres é fruto de lutas que não se findam e precisam ser a todo momento lembradas e vem

atreladas as questões de raça e cor, trazendo os resquícios de uma sociedade extremamente desigual e excludente. Ao juntar esses pontos podemos inferir o quão esse mundo se fecha para essas pessoas - mulheres e pretas. De acordo com uma das participantes essa situação pode ser analisada conforme sua narrativa:

[...] os cargos públicos eles te favorecem, na questão do racismo. Eles te favorecem, porque assim, é uma chefia sem rosto, entendeu? (P4)

Diante do proposto fica a questão, se não fosse um cargo público tal história seria a mesma? Levando em consideração a exposição desencadeada por Durães (2012, p. 276) “[...] o valor social do trabalho estará condicionado, por exemplo, às características do sujeito (escolarização, gênero, raça, idade e outros) [...]”. Ao estimar que a busca por ocupar cargos de liderança, igualdade de salários e oportunidades, provavelmente essa biografia se daria de outra maneira. Desse excerto que se traz um ponto crucial, já que aparentemente os cargos públicos se apresentam como dito pela professora “uma chefia sem rosto”, e hoje os processos por via de concurso tentam, mesmo que em pouca escala construir uma reparação para o que anos de desigualdade instauraram.

[...] estava tudo certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, estava tão certo até ficar errado. Até a direção falar comigo. Estava tudo muito perfeito, estava tudo pra acontecer. Aí ela começou a me dar umas desculpas [...] (P4)

Aí quando eu cheguei lá, a supervisora estava esperando, né? Mas tu vê o impacto da pessoa, sabe? (P4)

O que se torna deveras passível de uma crítica muito bem imbricada é a questão referente a disparidade que não existia até o contato visual com a professora, pois a forma anterior de contato entre elas era apenas por via de *e-mails* ou por outras professoras. A impressão deixada pelas pessoas em questão é de que, enquanto não havia a imagem real da professora não se constituía a preconceito, contudo, a realidade se desenvolveu de outra forma, mais uma vez evidenciando que para algumas pessoas a cor do ser humano ainda tem influência nos contatos ou melhor nos afastamentos.

A sua maneira essa docente passou por diversos episódios que desvelaram características as quais sempre buscamos transcender com os estudantes e comunidade escolar. É concreto deduzir que se produziram na vida dessa entrevistada tantos episódios negativos que ela poderia ter escolhido outros rumos definitivos para sua caminhada. Porém, ao contrário disso despertaram enfrentamentos que se desabrocharam nela e que diariamente ela semeia em seus alunos, com a procura por desbravarem e reclamarem o que é seu de direito, trazendo as

inúmeras possibilidades que eles podem usufruir e barreiras que eles vão encontrar ao tentar transpor suas condições nessa sociedade que se manifesta divergente.

8. Uma (e)labor(ator)iografia (in)comum

Para além de uma história, as (e)labor(ator)iografias sugerem a partir dos discursos de suas personagens que são as professoras fragmentos de suas vidas que se encontram mesmo que provavelmente uma nunca ouça a história da outra. De certa maneira, isso nos mobiliza a perceber que muitas delas aparentemente constituem similaridades e que embora se teve a pretensão de conectar suas narrativas em pontos comuns e desconectar em elementos incomuns todos os acontecimentos que elas discorreram estavam ocorrendo em todas as dimensões e invadindo suas trajetórias pessoais e profissionais. Tangenciando as narrativas se pode vislumbrar de acordo com os apontamentos de Menezes e Costella (2019, p. 86) a seguinte ideia: “[...] a formação do/da professor/a resulta de sua história de vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional. É um conjunto de elementos que, interligados e relacionados ao contexto, produzem o sujeito profissional docente”, para tanto percorrer a trajetória individual de cada docente nos encaminha a prováveis fins que resultaram de suas memórias acerca de suas narrativas.

Partindo de uma interlocução de pontos embasados nos discursos, é possível que se depreenda que alguma ruptura causada por intempéries dos caminhos que cada uma escolheu também é vislumbrado em outras dimensões e situações, tais como exemplificada pela professora (P3) que acabou por não concluir um doutorado, mas que de certa maneira traz esse sentimento pertinente a uma perda que foi reparada por uma outra situação vivenciada pela docente (P4) que precisou desistir de se candidatar a cursar uma especialização em virtude de ter sido aprovada em um concurso. Com isso, podemos voltar a reflexão de quantas escolhas elas precisaram fazer em suas vidas, cada uma resultando em pesos, liberdades e amarras diferentes, contudo remetendo a uma introspecção acerca de que talvez não precisassem de tal feito caso a situação que as atravessou tivesse ocorrido de outra forma.

Estranhamente reconhecer que suas vidas tão subjetivas convergem em momentos parecidos mesmo que a situação que as levou até o ponto onde se encontram não sejam as mesmas. A ação de escutar uma história e se projetar para ela, percebendo o quanto são parecidas ou discrepantes possibilitam elencar que muitos fins são parecidos diferindo apenas a maneira como chegaram até o destino ou os rumos são similares e o ponto de chegada não se torna o mesmo. O modo que as docentes preparam a grafia de suas histórias demarca que a

maioria delas apresentou uma disposição a externalizar não somente a sua simbologia feminina, mas a de todas as demais mulheres que fizeram jus a compartilhar juntamente com elas a caminhada, essa concordância se projetou na professora (*P1*) ao retratar a força e potência personificada pela sua avó, da professora (*P2*), que se motivou pela admiração e agradecimento a sua irmã que a deu suporte após a perda da mãe, visto isso o elemento central de toda a investigação que são as mulheres professoras de ciências reverberam suas potências pelas mulheres que fizeram parte de suas trajetórias. Por não se denotar essa característica nas outras docentes se pode refletir que talvez outros componentes tenham tido uma admiração delas como retratado pela professora (*P4*) ao trazer a relevância que seu cônjuge teve ao apoiá-la no retorno a docência.

Não há, portanto, como se ter certeza de quem estará ao nosso lado durante a jornada que ainda será contada, mas certamente algumas pessoas irão ocupar um lugar privilegiado por fazerem parte de novas histórias – novas no sentido que indica que cada vez que elas se contam para alguém outras tramas podem ser construídas e novos significados podem ser articulados – e isso que caracteriza a narrativa ser única, uma vez que sempre é permitido repensá-la e tratar os mesmos acontecimentos com visões diferentes, que possivelmente se incorporem as suas noções de sentido no que fazem. Por esse motivo, pode ser possível que em alguns anos outras figuras contemplem escalas diferentes de significado, já que o discurso como sendo reflexo dos agenciamentos e devires novos se (re)signifiquem.

Como ouvinte de quatro histórias de vida reveladas durante o curso da entrevista, ocorreram situações em que pude perceber as narrativas se entrelaçando umas com as outras e ainda costurando a minha juntamente aos turbilhões de emoções e o silêncio em assuntos mais ligados a esfera afetiva. Esses ecos trouxeram nuances que puderam permitir que as lutas de cada uma fossem descobertas, assim como elas pretenderam informar sua trajetória. Portanto, cada métrica e parâmetro almejado foi deliberadamente explanado por elas, fortificando seu discurso sobre si. É perceptível que todas enfrentaram desafios que elas moldaram e sabem que ainda outros estão por vir, contudo a fala delas é carregada de legitimidade que transcende todas as dimensões elaboradas na tratativa de externalizar suas escolhas. Ao tratar dos desafios, se pode verificar que o ser mulher se consegue apontar como um dos mais difíceis, pois a luta individual de cada uma e por todas não haverá de cessar, mas o ser uma mulher preta em uma sociedade enxarcada de distinção, ainda se verifica como um obstáculo mais específico, uma vez que sem nenhuma necessidade precisamos enfrentar barreiras que não deveriam existir.

A figura feminina precisou e precisa sempre se reafirmar com mais frequência, sendo principalmente em ambientes de trabalho, por muitas vezes precisando levar de forma solitária

as suas práticas por não possuírem pares para compartilhar suas perspectivas e anseios. Essa caminhada não é somente sobre essas docentes que se prontificaram a participar da pesquisa, mas é um rastro deixado e grafado por cada uma delas, para elas e para cada sujeito que se dignifica a escrever e refletir sobre sua história. É uma busca não somente pelas articulações e nos desfeitos, mas por traduzir os signos que cada uma buscou tratar e a forma como pretende se enxergar no espaço em que ocupam. Por esse motivo uma (e)labor(ator)iografia é desenvolvida para ser sentida por quem a lê, é perceber-se dentro de uma história que não é a sua exatamente, no entanto que trabalha com a sensibilidade de quem a encontra e se encontra por intermédio dela.

O valor atribuído pelas professoras em cada um de seus posicionamentos vem ao encontro de trazer um assunto com grande emergência e que precisa criar e dissipar as raízes para outras tantas frutificarem com suas contações. Diante das grafias geradas, se consolidou o questionamento de como os atravessamentos impactaram e construíram essas mulheres. E, visto isso se deteve a consciência de como mesmo com situações similares ocorrendo em alguns pontos específicos se pode perceber que a seu modo todas reagiram de forma diferente e ressignificaram o sentido de família, das relações, de sua prática pedagógica e de ser quem realmente são. É potencialmente permitido refletir acerca dessa sobreposição que as iguala na condição de mulheres professoras de ciências, mas que as torna únicas em sua jornada. Desse fato podemos trazer a luz que o ponto de chegada pode ser o mesmo, contudo as condições agenciadas para encontrar esse território são inúmeras e imprevisíveis, prova disso são os planos que algumas compartilharam e que por uma série de intransigências não se sustentou, pelo menos não naquele lapso temporal.

Há, destarte, muito a se tensionar, levando em conta as manifestações atreladas às narrativas. Verificam-se fontes de sustentação e de insegurança, tais como a afetividade partilhada com a escola e, também, a árdua jornada solitária, que traz a sensação de estarem sem apoio para o que estamos exercendo, o resultado disso pode ser talvez uma confiança no trabalho da professora, mas de certa forma a desampara como profissional que também necessita ser vista. Isso foi uma das causalidades que emergiram, do trabalho solitário, em que as pessoas vislumbram toda a situação acontecendo, todavia os bastidores ficam apenas com as docentes, como não haveria de acontecer. Esse véu acaba por esconder suas necessidades de trocar seus aprendizados com seus pares e a partilha de ideias que são eficazes para novas descobertas. Por si só, esse pode ter sido um fato que as empoderou e fortificou ainda mais em suas escolhas laborais, inclusive ao serem desacreditadas ao tentarem fazer algo diferente, diante da normatividade de uma aula mais voltada a teoria.

E de tanto que essas professoras tiveram experiências que foram positivas e negativas, elas acabaram criando artifícios para que sua superação fosse vista e partilhada como nos retrata a docente que ao tentar vínculo com outra escola foi tratada com preconceito ao presenciarem sua cor e em razão disso e talvez por isso ela tenha criado e mostrado aos seus estudantes e a comunidade escolar diversos cientistas negros que temos como exemplo para que saibam que todos são importantes e precisam ter espaço para destacar suas potencialidades. De todos os momentos narrados, o que mais foi transmitido por cada uma foi a questão de sensibilidade e superação, de serem pertencentes ao lugar que ocupam e que sabem que estão em profunda e contínua (trans)formação em sua profissão, em seu desenvolvimento intelectual, sua vida pessoal e demais áreas concernentes à esfera de seu cotidiano. Então, é possível concluir que esse seja com todas os diversos agenciamentos sofridos e levados em consideração, o devir de cada uma delas se projeta não em uma mesma finalidade, entretanto apresenta o mesmo propósito. A verificar todas as narrativas esse supostamente seja um traço que as iguala, uma vez que aqui não estão expostos como e quais caminhos elas irão escolher e sim que individualmente elas se percebem com uma mesma intenção.

Essa intencionalidade que tangenciou e clarificou percepções nas falas mostra que, diferentemente de algumas outras pessoas que por vezes se acham prontas, elas parecem demonstrar que isso está ainda em processo. Nesses discursos isso não se concretiza e elas não traçaram nenhuma métrica para atingir tal atitude, pois sabem e reconhecem a sensibilidade e relevância de seus trabalhos para saberem que estão em constante aprimoramento e por isso estão regidas pela consciência e necessidade de se (re)construir a partir de um ciclo de reflexões pertinentes ao seu labor que não se destina somente a ilustrar uma prática como também a tratar com a afetividade e entendimento os estudantes que fazem parte de seu convívio diário nas escolas.

Em suma, investigar a proveniência dos diversos discursos trouxe uma realidade aparentemente (in)comum e esse atributo se deve a característica que em muito aproxima e afasta as emergências que foram perceptíveis a cada professora. Essas esferas permitem que ao se lerem, contarem e refletirem umas sobre as outras novas possibilidades se externalizem, uma vez que (re)conhecemos o trajeto que cada uma pode presenciar. Para tanto, essa mescla ocorrente entre uma história e outra viabilizou a probabilidade de se entender como e por quais motivos cada uma estava ali representada. E, de forma clara elas puderam discursar sobre suas caminhadas, seus devires e como se percebem como sujeito de suas ações, permitindo que seu empoderamento fosse impulsionado juntamente com a mediação trazida por meio de suas práticas e com o desenvolvimento de um protagonismo que as permitiu deixarem que suas

histórias fluíssem no espaço do laboratório, local onde elas (re)constroem constantemente adicionando, modificando e refletindo acerca de como se contam para si e para o outro – dessa maneira (re)escrevem suas proveniências a cada momento que são convidadas a retomar suas memórias e a (re)significar seu papel de suma importância no caminho da docência..

Considerações finais

A investigação desenvolvida para constituir essa dissertação engendrou em *compreender como o agenciamento entre formação – gênero – espaço, reflete sobre as formas de contar-se relacionadas à docência e acometem as relações do saber e poder*. Para isso, foi estabelecida a busca por mulheres professoras de ciências pertencentes a educação básica e que exercessem suas atividades nos laboratórios de ciências. A coleta das informações se pautou na forma de entrevista gravada com cada docente acerca de suas histórias de vida, tratando de reconhecer entre as participantes tanto os pontos de convergência quanto os de divergência em seus discursos.

Por intermédio da análise obteve-se traços na narrativa que foram considerados convergentes e também ocorreram os divergentes, sendo dividida em duas partes: *Entre costuras: análise e percepções das entrevistas – Parte I e Caminhos que não se cruzam – Parte II*. Com essa proposta foram geradas as *dimensões*, que foi o atributo utilizado para compor as esferas: *familiar, interpessoal, acadêmica e profissional e do ser e fazer pedagógico*, nas dimensões prevaleceram narrativas que foram originadas e desenvolvidas em comum. Naquilo que tange as disparidades, apresentou-se os seguintes: *uma trajetória que se fez um novo caminho, a simbologia feminina como exemplo, conexão com a escola e a galeria dos cientistas negros*, revelando trejeitos explorados de maneira individual por cada docente.

São tantas histórias (re)vividas a cada discurso de cada uma das professoras. De suas partilhas ecoaram profundas e vívidas narrativas, desde as mais felizes até as mais vorazes. Delas soaram risadas e lágrimas, elementos inevitáveis quando sua coragem se sobressai ao contar sobre si. As falas trouxeram o íntimo das professoras que colaboraram com suas contações e se propuseram a desvelar seu enredo de vida, essa proposta foi peça chave para constituir as dimensões, as quais foram atribuídas partes significativas de seus discursos.

O discurso é um movimento difícil de ser produzido quando se precisa olhar para si e contar-se para o outro, mas foi por meio dele que essas docentes se oportunizaram a refletir sobre quem são e como estão produzindo seus devires. A análise se embasou em captar as diferentes dimensões citadas pelas entrevistadas e as narrativas produzidas em razão dessas

instâncias. As participantes mesmo sendo diferentes, com realidades distintas, concepções familiares opostas e diversos outros fatores que as separam, demonstraram em alguns pontos traços de similaridades, por outro lado, em cada uma se desenrolou aspectos únicos que as fizeram se desconectar das demais.

Ao gênero feminino investigado nessa abordagem sobressaíram ocasiões que atravessaram abruptamente cada uma dessas docentes, por vezes as fazendo descrever de quem eram e do que realmente são capazes. Contudo, elas encontraram na tratativa da *dimensão familiar* o impulso para produzirem seus devires e curiosamente várias delas trazem consigo aspectos que foram percebidos no seio familiar para suas caminhadas de vida, podendo ser constatado ao retratarem acerca de suas relações com a comunidade escolar e as pessoas que de alguma forma se apresentaram em suas trajetórias.

Diante da trajetória foi possível perceber quem caminhou ao lado de cada uma, construindo subsídios para as relações apresentadas na *dimensão interpessoal*, lembrando pessoas que se demonstraram importantes na caminhada dessas professoras. Por meio dessas trocas entre os indivíduos que se apresentam no percurso de vida se pode averiguar aspectos percebidos de forma positiva e alguns de forma a não ser exemplo de suas escolhas.

Ademais, o rumo de cada escolha contida na *dimensão acadêmica e profissional* se deteve em diversos campos de possibilidades, sendo alguns ligados a um saber inerente, a outros se despertou por meio de professores durante a jornada escolar e houve o contexto familiar que colaborou para a busca pela docência. De posse dessas eventualidades, se permite verificar que, de certa forma essas mulheres fluíram por situações que as ajudaram a definir suas bases de vida com as escolhas que emergiram de suas narrativas.

Com a contribuição das demais dimensões se construiu o sujeito docente atual dessas mulheres apresentando seus aspectos na *dimensão do ser e fazer pedagógico*. Essa trama traz um reflexo de todas as dimensões vivenciadas pelas participantes, uma vez que, com suas narrativas é permitido compreender em suas relações que alguns dos atravessamentos estão conectados às demais dimensões e por esse motivo cada escolha que se fez determinantemente forte em cada situação se infere em seu fazer pessoal e profissional. A cada uma entrevistada se vislumbrou um mundo de escolhas as quais foram incorporadas ao seu contar e depreende referência ao que estão se tornando.

Apesar das similaridades, contudo, entre alguns pontos de narrativa que construíram as dimensões revelando agenciamentos de cada uma das professoras, ocorreram as disparidades que originaram contações únicas e que carregaram trejeitos agregados as participantes no

exercício de contar sobre si. Para isso, cada uma frutificou uma história diferenciada tratando de sua experiência e por conseguinte relataram memórias inerentes a si mesmas.

Ao tratar de *uma trajetória que se fez um novo caminho*, se pode deduzir a partir da partilha da professora acerca de como os caminhos se modificam e novos se constroem. Embasado nisso, os acontecimentos são passíveis de forças as quais promovem determinadas escolhas em sua trajetória e essas opções podem deixar algumas lacunas que aos poucos são preenchidas e motivadas por outros atravessamentos de vida.

Na partilha que conta *a simbologia feminina como exemplo*, é retratada uma reflexão que retorna às origens de uma memória muito forte e potente, elevada pela presença do feminino. Desse conteúdo percebe-se o quão a ancestralidade e empoderamento pode agregar à constituição da professora, revelando suas potencialidades por meio dessa rememoração.

Diante da *conexão com a escola*, a docente externaliza sua relação de afeição pela escola na qual atua. Essa narrativa ajuda a vislumbrar que alguns espaços educativos podem ser bastante acolhedores e esse fato quando verdadeiro permite refletir uma memória positiva ao contar sua história.

Vislumbrou-se também as conjunturas semeadas por anos de distinção entre gênero e raça/cor no que tange *a galeria dos cientistas negros* que ainda são intrínsecos em nossa sociedade e que tornam a vida dessas mulheres um desafio diário a ser transgredido, evidenciando que a luta por direitos presentes inclusive em nossa Constituição Federal deve estar sempre sob vigília.

De alguma forma, cada professora buscou grafar sua história realizando o exercício de mergulhar em suas memórias e trazer elementos que fazem parte de seus relatos, inclusive no tocante as suas práticas de labor desenvolvidas nos laboratórios da educação básica. Esses agenciamentos, inferidos a partir de cada biografia das professoras em algumas instâncias de suas trajetórias colaboraram para a partilha, construção e reconstrução de seus discursos e refletem a sua maneira de se perceberem ao serem convidadas a contarem suas escolhas. As tecituras prestadas por cada professora no exercício de contar-se as conectam a momentos diversos de suas tramas, de certa maneira a retratar situações e lembrar pessoas que supostamente as subjetivaram e trouxeram meios de as permitirem se destacar em suas escolhas pessoais e profissionais.

Por conseguinte, o discurso de cada uma carregou traços potentes que as ajudaram na decisão de quais rumos se direcionar e demonstraram a bravura ao resgatar elementos que elas carregam consigo e que irradiam para os que participam de suas histórias. Dessa forma, por meio da (E)labor(ator)iografia se pode ceder vez e voz para permitir que essas docentes

pudessem contar sobre suas formas de retratar suas premissas por meio de suas tecituras, de (re)afirmarem seu empoderamento e o compromisso com o seu desenvolvimento como professoras, filhas, mães, irmãs e demais posicionamentos nos espaços que ocupam, sendo permitido que fossem protagonistas de suas decisões em suas possibilidades de (re)construção como sujeito.

É de suma importância que os vestígios explorados e confessados por cada docente passem a (re)significar as histórias de vida de mulheres que ocupam os espaços de laboratórios de ciências, revelando que suas escolhas, expectativas e reflexões servem como âncora para o protagonismo de outras novas mulheres imersas nesse labor. Dessa forma se desenha a possibilidade de compreender não somente o espaço de um movimento feminista de luta e busca por seu legado em um ambiente não tão fortemente explorado com o intuito de denotar possibilidades por meio da trajetória dessas personagens. Com isso, podemos questionar e trazer novas investigações, acerca de quais outras professoras figuram nesse ambiente, de quais maneiras elas se contam, onde elas estão ocupando seu devido espaço, como elas se veem nesse lugar de protagonismo, mediação e inventividade e dessa forma pleitear novas propostas e espaço para que essa escolha docente seja reconhecida e compartilhada.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 12 nov. 2022.

APPLE, M. Ensino e trabalho feminino? Uma análise comparativa da história e ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.64, p. 14-23, fev. 1988.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2008, v. 16, n. 1 [Acessado 6 Novembro 2022] , pp. 207-228. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100020>>. Epub 28 Jul 2008. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100020>.

BATISTA, Claudia Regina Alves Batista. **Um jogo de luz e sombras**: a presença feminina nas ciências e a formação de professores de ciências naturais. 2021. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

BORBA, R. C. DO N.; SELLES, S. E. Currículo de Ciências: experiências, histórias e narrativas produzidas em um laboratório escolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 7, n. 21, p. 339-356, 4 nov. 2022.

BUENO, B. O., SOUSA, C. P. de, CATANI, D. B., & Souza, M. C. C. de. (1993). Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, 4(1-2), p. 299-318. <https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100014>

CHENÉ, Adele. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN, 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. **Periferia**, v. 1, n. 1, p. 91-110, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Pro-Posições** [online]. 2015, v. 26, n. 1 [Acessado 13 Outubro 2022], pp. 105-122. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-7307201507609>>. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507609>.

CORAZZA, Sandra Mara. Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2018, v. 23, n. 00 [Acessado 13 outubro 2022], e230032. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230032>>. Epub 11 Jun 2018. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230032>.

CORAZZA, Sandra Mara. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2019, v. 24 [Acessado 13 outubro 2022], e240040. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240040>>. Epub 10 Out 2019. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240040>.

CORAZZA, Sandra Mara; NODARI, Karen Elisabete Rosa; BIATO, Emília Carvalho Leitão. Escrita da diferença: ler-escrever como método de invenção no ensino e na pesquisa. In: **Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa**, 8., 2019, Lisboa. Atas [...]. Lisboa: Ludomedia, 2019. V. 1. P. 360-369. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2106>. Acessado 13 outubro 2022.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, J. B. da. **Laboratórios**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000013620.pdf>. Acesso em: 09 out. 2022.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 40, p. 11-25, 2018.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 1, n. 1, p. 133-147, 11.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns componentes relacionais (1985). In: FINGER, Mathias & NÓVOA, António (Orgs.). **O Método Biográfico e Formação**. Natal: EDUFRRN, 2014.

DORNELAS, Camila Carrari; ASSOLINI, Filomena Elaine P. A discursivização do feminino e suas relações com a docência: memória e atravessamentos discursivos. **Entremeios**: ver estudos disc, v. 12, p. 45-64, 2016.

DURÃES, S. J. A. Sobre algumas relações entre qualificação, trabalho docente e gênero. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 271–288, jan. 2012.

FÉLIX, J. Gênero e Formação docente: reflexões de uma professora. **Espaço do currículo**, v.8, n.2, p.223-231, Maio a Agosto de 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n2.223231/13923>, Acesso em: 24 jan. 2024.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico (1979). In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN, 2014.

FINGER, Mathias, NÓVOA, Antônio. Introdução. In.:_____(orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5ªed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. SP: Cortez, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 15ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ... ao sujeito da formação (1978). In: FINGER, Mathias & NÓVOA, Antônio (Orgs.). **O Método Biográfico e Formação**. Natal: EDUFRRN, 2014.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 90-113.

MENEZES, V. S.; COSTELLA, R. Z. Narrativas (auto)biográficas na licenciatura em geografia: potencialidades para a construção da professoralidade. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 83–105, 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/633>. Acesso em: 24 jan. 2024.

NEVES, Ivania dos Santos; GREGOLIN, Maria do Rosário. A arqueogenealogia foucaultiana como lente para a análise do governo da língua portuguesa no Brasil: continuidades e rupturas. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, [S.l.], v. 2, n. 57, p. 08-32, maio 2021. ISSN 0104-0944. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9898>>. Acesso em: 20 nov. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i57.9898>.

OLIVEIRA MUNIZ, G., RODRIGUES BRITO, T. T. . (2021). A trajetória docente de mulheres que lecionam ciências da natureza: os desafios da docência. **Diversidade E Educação**, 9(Especial), 128–154. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12677>

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação. Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 34, n. 02, p. 147-156, ago. 2011. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198125822011000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 nov. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição, SOUZA, Elizeu Clementino de e VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista** [online]. 2011, v. 27, n. 1 [Acessado 7 Novembro 2022] , pp. 369-386. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>>. Epub 01 Jun 2011. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 90-113. PEREIRA, Marcos Villela. Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre hetero e a ecoformação (1985). In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: UDUFRN, 2014.

SILVA, M. DA. O *habitus* professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, p. 152–163, maio 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Apêndices

APÊNDICE A

Lista de tópicos desencadeadores de narrativa a serem utilizados nas entrevistas com as docentes

- Compartilhar como foi sua infância e seus vínculos familiares.
- Como descobriu as afinidades com a sua área de formação?
- Compartilhar sua trajetória acadêmica.
- Sua iniciação na docência ocorreu de que maneira?
- Compartilhar o momento de escolha ou chegada no/pelo laboratório.
- Você já lecionou em sala de aula?
- Qual o significado da sala de aula para você?
- Qual o significado do laboratório para você?
- O que o ambiente de laboratório lhe transmite?
- Você se demonstra flexível, no que tange a elaboração de uma atividade?
- A sala de aula é uma opção de trabalho para você?

APÊNDICE B**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as docentes participantes da pesquisa**

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar como entrevistada da pesquisa: (E)labor(ator)iografias: histórias de vida de mulheres professoras de ciências, sob responsabilidade da mestrandia Letícia Klimick de Freitas (leticia.klimick@edu.pucrs.br) e orientação do Dr. José Luís Schifino Ferraro (jose.luis@pucrs.br), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática.

Declaro que estou ciente de que as informações prestadas serão analisadas e utilizadas na pesquisa sem qualquer tipo de identificação.

Assinatura da Participante

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE C**Informações pessoais**

1. Qual a sua idade? _____
2. Com qual gênero você se identifica?
 Masculino
 Feminino
 Outro. Especifique: _____
3. De acordo com sua cor, você se declara: (Fonte: IBGE, baseado na autodeclaração de cor/raça).
 Amarela
 Branca
 Indígena
 Parda
 Preta
4. Com relação a sua escolaridade, a maior parte dela foi realizada em:
 Escola pública municipal
 Escola pública estadual.
 Escola pública federal
 Escola privada
5. Você frequentou escola técnica?
 Não
 Sim
6. Você possui outra graduação?
 Não
 Se sim, especifique: _____
7. Você possui Especialização?
 Não
 Sim. Especifique a área. _____
8. Você possui Mestrado?
 Não
 Sim. Especifique a área. _____
9. Você possui Doutorado?
 Não
 Sim. Especifique a área. _____
10. Você está lecionando há quanto tempo? _____

11. Especifique o(s) ano(s) que você atua: _____

12. Em que tipo de instituição de ensino você atua?

Escola pública municipal

Escola pública estadual

Escola privada

Outro. Especifique: _____

13. Há quantos anos você atua no laboratório? _____



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br